



**Ana Carolina Santos do Nascimento**

**W. E. B. Du Bois: uma leitura**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio.

Orientadora: Prof. Maria Alice Rezende de Carvalho

Rio de Janeiro

Setembro de 2019



**Ana Carolina Santos do Nascimento**

**W. E. B. Du Bois: uma leitura**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

**Profa. Maria Alice Rezende de Carvalho**

Orientadora

**Profa. Maria Sarah da Silva Telles**

Departamento de Ciências Sociais – PUC-Rio

**Profa. Helga da Cunha Gahyva**

UFRJ

Rio de Janeiro, 25 de setembro de 2019

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

### **Ana Carolina Santos do Nascimento**

Graduou-se em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Foi Editora Assistente na Revista Estudos Políticos (UFF). Foi assistente de edição na Revista Dados (IESP-UERJ). Participou de congressos da área de Editoração Científica e Ciências Sociais. Tem interesse em Sociologia, Sociologia dos Intelectuais, relações raciais.

#### Ficha Catalográfica

Nascimento, Ana Carolina Santos do

W. E. B. Du Bois : uma leitura / Ana Carolina Santos do Nascimento ; orientadora: Maria Alice Rezende de Carvalho. – 2019.

73 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Ciências Sociais, 2019.

Inclui bibliografia

1. Ciências Sociais – Teses. 2. W.E.B. Du Bois. 3. Sociologia dos intelectuais. 4. Raça. I. Carvalho, Maria Alice Rezende de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Ciências Sociais. III. Título.

CDD: 300

Dedico esse trabalho a minha avó Ercilia Francelino dos Santos, a vóvi, por ser um exemplo de perseverança e força

## Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero agradecer a Deus por tudo, mas principalmente pela força diária, não apenas durante essa etapa, mas em toda a minha vida. A Nanã, a Xangô, a Nossa Senhora Aparecida e aos meus guias espirituais pela proteção constante, pelas orientações e incentivo.

Agradeço à PUC-Rio, em especial ao Departamento de Ciências Sociais pela oportunidade de integrar ao Programa de Pós-Graduação e aos meus professores pelos ensinamentos valiosos. À Coordenação Central de Cooperação Internacional (CCCI) da PUC-Rio por ter me proporcionado a oportunidade de realizar um intercâmbio acadêmico na Brown University e à equipe do CCCI em especial a professora Ângela Paiva, Nancy Guimarães e Renan Brito pela ajuda e atenção.

À Brown University, em especial ao Departamento de Estudos Africanos por me receber e colaborar com a minha pesquisa. Aos professores Anani Dzidzienyo e Keisha-Khan Perry pela ajuda ao longo de todo o período na Brown. Aos professores José Itzigsohn e Paget Henry pela oportunidade de frequentar suas aulas.

À Fernanda Santos e Petrônio Domingues agradeço a leitura e orientações dadas no processo de Qualificação desta dissertação. A Helga da Cunha Gahyva e Maria Sarah Silva Telles agradeço por aceitarem o convite para compor a Banca e pela leitura cuidadosa do meu trabalho.

A minha orientadora Maria Alice Rezende de Carvalho agradeço a paciência, a compreensão, o interesse na minha pesquisa, o incentivo e ajuda ao longo de toda a minha caminhada no mestrado.

Agradeço a Cristina Buarque de Hollanda, Beatriz Bissio e Cesar Kiraly pelo incentivo e ajuda para aplicar para o mestrado.

Agradeço imensamente ao meu pai e minha mãe, Hercules Meyer do Nascimento e Nadia Francelina Santos do Nascimento, pelo esforço ao longo da minha vida para me dar a melhor educação, e por serem os meus exemplos em honestidade, trabalho duro, perseverança e fé. As minhas irmãs de coração Aline Marques, Aline Vaz e Carine Silva pelo incentivo, torcida e força ao longo da vida. Ao meu afilhado Vinícius de Amorim Régis que compreendeu a minha saída antes de cortar o bolo do seu aniversário em virtude de compromissos pelo mestrado. Aos meus tios e primos pela ajuda e por compreender a minha ausência em vários almoços de família ao longo do mestrado. Aos meus amigos amados agradeço de todo o coração pela torcida, pelo incentivo, pelas gargalhadas, pelo ombro amigo durante o mestrado e sempre. Em especial agradeço ao Edmar Machado Braga Filho, Lorene Monteiro Maia e Mayara Abrahão da Eira pela ajuda com o trabalho.

Por último, mas de forma alguma menos importante, eu agradeço a minha avó Ercilia Francelino dos Santos, que apesar de ser analfabeta sempre deu o maior valor a educação e se esforçou ao máximo e trabalhou muito para dar a minha mãe a educação que ela não teve. Se eu fui capaz de chegar até a Pós-Graduação foi graças ao trabalho e ao esforço dessas duas mulheres que vieram antes de mim, em especial, a vóvi. Muito obrigada.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## Resumo

Nascimento, Ana Carolina Santos do; Carvalho, Maria Alice Rezende de. **W. E. B. Du Bois: uma leitura**. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. 73p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A proposta dessa pesquisa é a tratar de William Edward Burghardt Du Bois, um dos fundadores da Sociologia Moderna Americana, o primeiro homem negro a conseguir PhD pela Universidade de Harvard, em 1895 e pouco lido no Brasil. A obra desse autor é muito vasta e em sua maior parte se concentra em tratar as relações raciais e, dentro desse tema, fala também sobre colonialismo. Em 1903, Du Bois escreveu um de seus livros mais importantes e conhecidos *The Souls of Black Folks*, em que o autor se empenha em explicar como foi constituída a subjetividade do negro norte-americano. Neste livro o autor desenvolve três conceitos sociológicos fundamentais: *color line*, *veil* e *double consciousness*. Além de sociólogo, historiador, romancista, poeta, Du Bois dedicou boa parte de sua vida como editor. *The Crisis*, a publicação oficial da NAACP (*National Association for the Advancement of Colored People*) foi onde passou um longo período, editou a revista entre 1910 e 1934. O objetivo desse trabalho é analisar, por meio de um exame descritivo/qualitativo, os *post scripta* de autoria do editor, das edições da *The Crisis* durante o ano de 1934 sob ótica do conceito de dupla consciência e entender de que maneira o autor constrói esse conceito em seus textos.

### Palavras-Chave:

W.E.B. Du Bois; Sociologia dos Intelectuais; Raça.

## Abstract

Nascimento, Ana Carolina Santos; Carvalho, Maria Alice Rezende (Advisor). **W. E. B. Du Bois: a reading**. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. 73p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The purpose of this research is to address William Edward Burghardt Du Bois, one of the founders of Modern American Sociology, the first black man to obtain a PhD from Harvard University in 1895 and little read in Brazil. The work of this author is very vast and most of it is focused on dealing with race relations and, within this theme, also talks about colonialism. In 1903, Du Bois wrote one of his most important and well-known books *The Souls of Black Folks*, in which the author uses to explain how was constituted the subjectivity of the Afro American. In this book the author develops three fundamental sociological concepts: color line, veil and double consciousness. In addition to sociologist, historian, novelist, poet, Du Bois devoted much of his life as an editor. *The Crisis*, an official publication of NAACP (National Association for the Advancement of Colored People) was where he spent a long time, edited a magazine between 1910 and 1934. The purpose of this work is analyzed, through a descriptive / qualitative exam, after the *post scripta*, authored by the editor in chief, of the editions of *The Crisis* during the year 1934, from the perspective of the concept of double consciousness and understanding how the author builds this concept in his texts.

## Keywords

W.E.B Du Bois; Sociology of Intellectuals; Race.

## Sumário

1. Introdução	12
2. A vida e a obra de W. E. B. Du Bois	20
2.1. Juventude, Academia e ativismo	20
2.2. Imprensa negra	28
2.3 Du Bois, Washington e Garvey	35
3. The Souls of Sociology	43
3.1 The Souls of Black Folks	44
3.1.1 Religiosidade nas comunidades negras	45
3.1.2 Música negra como principal expressão cultural negra	47
3.1.3 Cotidiano e oportunidades	48
3.2 As Almas do Povo Negro: dupla consciência, véu e linha de cor	49
3.3 Reconhecimento, a política e a sociologia pública	52
4. Du Bois, dupla-consciência e <i>The Crisis</i>	54
5. Considerações Finais	66
6. Referências Bibliográficas	68
7. Anexo	72

## Lista de Figuras

Figura 1 - William E.B. Du Bois, retrato de meio comprimento, voltado para a esquerda. Entre 1920 e 1930.....	20
Figura 2 - Membros do III Congresso Pan-Africano, em Lisboa, Maio de 1923.....	24
Figura 3 - Anúncios para treinamentos em profissões, vagas em universidades, retiradas da edição de janeiro da <i>The Crisis Magazine</i> de 1933.....	33
Figura 4 - Booker T. Washington, 1895.....	36
Figura 5 - Marcus Garvey, 1924.....	38

## Lista de Siglas

EUA - Estados Unidos da América

NAACP – *National Association for the Advancement of the Colored People*

## Introdução

W.E.B Du Bois é um sociólogo pouco lido no Brasil. É possível que durante a graduação de Ciências Sociais não se leia nenhum texto escrito pelo autor. Ele que é, segundo Aldon Morris em *The Scholar Denied: W. E. B. Du Bois and the Birth of Modern Sociology* (2015), o fundador da Sociologia Moderna nos Estados Unidos. Du Bois foi um escritor muito prolífico, tendo escrito vários ensaios, artigos de jornais, além de mais de 20 livros, sendo a maioria destes para tratar a questão racial. Contudo, apenas um livro de Du Bois foi traduzido para o português: *As almas do povo negros*<sup>1</sup>(*The souls of the black folks*).

O Brasil foi o país que mais importou mão de obra escrava e o último país a abolir a escravidão. De acordo com Paulina Alberto em *Terms of Inclusion Black Intellectuals in Twentieth-Century Brazil* (2011), o sistema escravocrata não foi apenas o centro da máquina econômica brasileira, foi um estilo de vida que afetou profundamente a sociedade, não apenas os cativos submetidos à escravidão, como também negros libertos e brancos, de diferentes classes sociais. Esse sistema ajudou a criar uma sociedade muito hierarquizada, com grande estigma em relação à raça e ao trabalho servil.

Paulina Alberto (2011) afirma que o estigma do servilismo e da raça afetavam não apenas quem estava em regime de escravidão, como também afetava a vida de um grupo grande de pessoas de cor que eram livres e que, após a abolição, a cidadania e a liberdade ainda eram condicionadas pelas desigualdades raciais e de classe e a maneira como evoluíram na ausência do sistema escravocrata. No começo do século XX, metade da população brasileira era negra<sup>2</sup> e em sua maioria pobre, sem posses e analfabeta.

Entretanto, havia uma crença de que a escravidão no Brasil havia sido mais suave, sobretudo em comparação com a escravidão nos Estados Unidos da América (EUA). Alberto (2011) diz que regimes autoritários e democráticos, durante o século XX no Brasil, fizeram com que a ideia de democracia racial se transformasse

---

<sup>1</sup> Editora Lacerda, 1999

<sup>2</sup> Enquadro nessa categoria pretos e pardos.

em ideologia oficial. Dessa maneira, muitos acreditavam que séculos de escravidão no Brasil não criaram uma linha rígida entre brancos e negros nem produziu um legado de violência e segregação institucionalizada, como nos EUA.

Essa hierarquização e desigualdade também é mencionada por Oracy Nogueira em seu livro *Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga* (1998). O livro de Oracy Nogueira está dividido em duas partes: “O Tempo da Escravidão” e o “Preconceito Racial de Marca”. Na primeira parte, Nogueira fala da importância dos escravos e do seu valor, não simbólico e sim material. O escravo era avaliado de acordo com suas aptidões, idade e valor que o dono o comprou. Para falar desse tópico o autor faz uso de uma série de documentos e dá exemplos de tentativas de compra de alforria, em que o valor era negociado mediante os itens citados acima.

Quando fala da estratificação social no tempo da escravidão, na camada mais alta da pirâmide social se encontravam os brancos donos de terras e logo abaixo os homens brancos livres. Na terceira camada eram os pardos claros, depois os pardos escuros, em seguida os pretos livres e por fim os cativos. É importante ressaltar que o autor diz que os serviços de mais prestígio eram exercidos por brancos, e às vezes “mulatos claros”, se esses tivessem traços que se aproximassem mais da camada acima deles do que da camada de traços mais “negroides”, como diz Nogueira. Aos que tinham o tom de pele mais escuro e eram livres, sobravam os serviços de menor ou nenhum prestígio, em sua maioria envolvendo trabalhos manuais e braçais.

Um ponto importante na obra do autor é que ele se utiliza de exemplos e documentos para problematizar a noção de passividade dos negros durante o período da instituição escravocrata, se valendo de exemplos de rebeliões e quilombos e afirmando que os cativos almejavam a liberdade e que esses movimentos de rebeldia junto com o movimento abolicionista foram fundamentais para pôr fim à escravidão.

No começo da segunda parte do texto ele levanta uma série de dados, relacionados a cor, do censo de 1940. Um ponto importante é que Oracy Nogueira

faz o uso do termo cor e trata da questão do fenótipo e com isso não utiliza o termo raça como é comum observar em outros autores do período.

Com a análise dos dados do censo de 1940, ele afirma que a maior parte da população é composta por pessoas brancas. A segunda maior parte é composta por pardos, esses podem ser descendentes de negros ou de índios e, por último, os negros. Os negros compreendem a menor parcela da população, pois já na primeira parte do texto, o autor afirma que Itapetininga era uma cidade baseada, mesmo no período anterior, em pecuária extensiva e agricultura de subsistência. A presença de negros só cresceu com o aumento da produção de algodão. Dessa maneira, não foi tão forte a presença de cativos, se comparado a outros lugares como o vale do Paraíba, por exemplo. Um dado que o autor observa é que a população branca é maioria tanto na camada mais alta, como na camada mais baixa. Contudo, vale ressaltar que a população negra está concentrada na camada mais baixa. O autor diz que, comparando censos anteriores ao de 1940, é possível perceber um aumento no contingente branco. Uma das hipóteses do autor para esse aumento é o fato de pardos claros com traços caucasoides se identificarem como brancos.

Na medida em que o autor falar sobre estratificação social e cor da pele, afirma que tanto para negros como para brancos a mudança de *status* é dificultada pela forma piramidal da sociedade e, como a estrutura social se reproduz, a mesma dificulta mudanças. O autor afirma que é verdadeira a dificuldade específica, relacionada à cor da pele, que ocorre com “gente de cor”. Dessa forma, o autor afirma que “a cor branca facilita a ascensão social, porém, não a garante por si mesma; de outro lado, a cor escura implica antes uma preterição social que uma exclusão incondicional de seu portador” (NOGUEIRA, 1998, p.167).

Ele comparou a situação de imigrantes italianos na cidade de Itapetininga com a situação do preto. Na chegada desses imigrantes, os mesmos eram vistos como um caminho para o progresso, como trabalhadores manuais especializados, segundo o autor. Ou seja, no começo faziam serviços parecidos com os dos negros. Entretanto, no decorrer de 50 anos, Nogueira vê uma mudança no status desses imigrantes e seus descendentes, principalmente no que diz respeito a casamentos. Os descendentes de italianos passam a ter as mesmas oportunidades e estilo de vida de descendentes dos colonizadores portugueses. Já a situação dos pretos pouco se altera nesse período.

O autor afirma que no Brasil a ideologia racial é miscigenacionista e igualitária, contudo esconde o incentivo ao branqueamento e o preconceito. O autor cita situações do cotidiano em que isso é representado, como por exemplo o uso de ditos populares como “se gostasse de preto, andava com um urubu debaixo do braço” (NOGUEIRA, 1998, p.206). Além disso os traços negroides são vistos como negativos. Outro exemplo que o autor aborda na relação entre brancos e pretos na cidade de Itapetininga, em São Paulo, é a participação de brancos nas associações de negros. São poucos os que vão às festas devido ao fato de, segundo Oracy Nogueira, não quererem que sua imagem seja associada a esse ambiente que é visto como menos prestigioso, diferente das associações de brancos em que há o comparecimento da camada mais alta da população e inclusive há grande participação da classe média, já que o autor afirma que está tenta ter hábitos parecidos com os da classe acima desta.

Vale ressaltar que o autor diz que no Brasil o preconceito é de marca e não de origem, como nos Estados Unidos, onde é visível uma divisão da sociedade, com espaços segregados. Dessa forma é possível a ascensão de membros da camada mais baixa –principalmente pardos – para a mais alta, na medida em que seus traços forem mais caucasoides que negroides, além de serem intelectuais ou profissionais bem-sucedidos. De acordo com o autor, o preconceito racial auxilia na manutenção do *statu quo*, pela maneira como ele opera na sociedade, pois faz com que o preto tenha uma atitude de subserviência em relação aos brancos. Um ponto interessante é que o autor afirma que os membros da geração de cativos libertos eram mais propensos a essa atitude que os das gerações seguintes.

A leitura de Oracy Nogueira é interessante por se diferenciar de autores do mesmo período, como Gilberto Freyre. Se, de um lado, Freyre utiliza uma visão muito culturalista e utiliza o conceito “raça”, Nogueira vai por um caminho muito diferente. Este não trata de raça e sim de cor e traços fenotípicos. Utiliza uma série de exemplos baseado em documentos, bem como estatística para embasar a sua argumentação. Outro ponto importante é que quando o autor fala de estratificação social, utiliza a cor para dividir a sociedade.

Mesmo com esse passado, ainda hoje muitos brasileiros acreditam – ainda segundo Alberto (2011) – que o dano causado pelo sistema escravocrata foi limitado e que nunca houve uma linha de cor bem demarcada e, em virtude disso, o sistema

escravocrata não produziu grandes danos em comparação com os Estados Unidos, que produziu violência racial e discriminação institucionalizada. Contudo, vários estudos indicam que muitas das desigualdades sociais estão relacionadas às questões raciais. Podemos citar no Brasil a pesquisa de Nelson do Valle Silva e Carlos Hasenbalg em *Estrutura Social, Mobilidade e Raça*, em 1988 – exatamente 100 anos após a abolição da escravidão no Brasil.

A Sociologia brasileira do começo do século XX tem uma forte influência da escola de Chicago, sobretudo entre os autores que escrevem sobre a questão racial no Brasil na primeira metade do século. Não se tem registro de que eles tenham lido Du Bois, mesmo com o passado histórico do Brasil e a temática do autor sendo principalmente sobre a questão racial. A Sociologia brasileira ainda hoje não concede a atenção necessária a esse sociólogo que, com seus escritos, contribuiria muito para a discussão sobre a questão racial no Brasil.

Em relação a trabalhos feitos no Brasil sobre o Du Bois, podemos destacar a dissertação de mestrado de Carlos Alexandre da Silva Nascimento de título *Representado o 'novo' negro norte-americano: W.E.B. Du Bois e a revista The Crisis, 1910-1920*, de 2015, em que o autor aborda a representação visual dos negros nos Estados Unidos feita na *The Crisis Magazine* entre os anos 10 e 20. O autor afirma que a revista procurou alterar a imagem popular que se tinha do negro até então.

Contudo, Du Bois não é pouco lido apenas no Brasil, mas também nos EUA. Julian Go em “*The Case for Scholarly reparations*”, 2016, aponta três razões pelas quais Du Bois foi apagado da história da sociologia. O primeiro é a cor da sua pele. O segundo é a falta de capital da Escola de Atlanta<sup>3</sup>. O terceiro é porque ele tinha ideias tidas como perigosas. Du Bois foi o primeiro a negar o darwinismo social. O autor tratou a raça como uma categoria social, não biológica. Assim como o antropólogo Franz Boas. Go diz "Nesse sentido, Du Bois prefigura ou pelo menos converge ao pensamento de Franz Boas". Ele e Du Bois se corresponderam por décadas, de acordo com Go.

---

<sup>3</sup> Fundada por Du Bois

Go afirma que a Sociologia americana foi criada “como projeto de e para o poder” e usada como uma ferramenta para legitimar sistemas de dominação como a escravidão ou o imperialismo. A Antropologia, por exemplo, assim como a Sociologia, foi usada no início do século XX para ajudar o colonizador a conhecer a cultura e os hábitos dos colonizados, a fim de descobrir a melhor maneira de dominar. Com a ideia de inferioridade dos colonizados, o imperialismo usou a desculpa de trazer a civilização para dominar.

Assim, a academia teve um papel fundamental no discurso hegemônico. As ideias de Du Bois eram vistas como extremamente perigosas para este sistema. Segundo Go “Du Bois pensa em raça pelo menos uma década, se não mais, antes de Robert E. Park apoiar sua teoria do ciclo das relações raciais”. Park tinha todo o apoio para suas ideias, porque elas representam o pensamento hegemônico. Park<sup>4</sup> e Booker T. Washington defenderam a ideia de que para os afro-americanos seria mais fácil fazer trabalhos manuais. Portanto, esses argumentos foram muito importantes para quem queria manter a desigualdade.

Du Bois era um heterodoxo. Ele e seus colaboradores estavam certos, mas suas ideias não eram interessantes para o poder hegemônico. De acordo com Go, quando Du Bois disse que encontrou evidências que provavam que os negros não eram inferiores, o Departamento do Trabalho dos EUA "se recusou a publicar seu trabalho e até destruiu o relatório do manuscrito, alegando que ele tocou em questões políticas".

A obra de Du Bois é vasta, mas nesse trabalho vamos abordar com mais profundidade *The Souls of Black Folks*. Neste livro temos uma narrativa muito rica sobre a formação da subjetividade da população afro-americana e, com ela, traz três conceitos sociológicos de grande importância: *veil*, *color line*, *double consciousness* [véu, linha de cor, dupla consciência]. Esses conceitos norteiam uma parte da produção de Du Bois e, por vezes, muitos de seus posicionamentos políticos. Neste trabalho vamos nos debruçar especificamente sobre o conceito de dupla consciência e analisar, à luz desse conceito, os *post scripta* da *The Crisis Magazine*, revista da Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor [National Association for the Advancement of the Colored People – NAACP], editada por Du Bois ao longo de quase 25 anos, e entender de que maneira a forma

---

<sup>4</sup> Célebre sociólogo da Escola de Chicago

como o autor lida com a sua dupla consciência influencia nos seus posicionamentos políticos.

W. E. B. Du Bois em sua obra tratou das relações raciais e é um dos pais fundadores da sociologia moderna americana. Sendo o Brasil um país de maioria não branca é relevante estudar esse sociólogo a luz de conceitos tão importantes apresentados por ele. Sob essa perspectiva, o objeto da presente pesquisa é a dupla consciência. O objetivo desse trabalho, portanto, é analisar os *post scripta*, de autoria do sociólogo, na *The Crisis Magazine*, durante o ano de 1934, ano em que ele se demite da revista e deixa a NAACP, com a finalidade de perceber a relação que o autor tem com o conceito de dupla consciência e como isso afeta seu posicionamento político.

Sobre a metodologia da pesquisa, realizar-se-á uma análise documental de seis *post scripta*, com o recorte temporal entre o mês de janeiro e junho do ano de 1934. Tal abordagem metodológica será elaborada por meio de um exame descritivo/qualitativo dos posicionamentos políticos relacionados a questões raciais de Du Bois, contidos nos documentos apresentados, *post scriptum*, um espaço em que o autor emitia suas opiniões, em muitos momentos divergentes das opiniões oficiais da NAACP. A revisão da bibliografia especializada sobre a temática estará no corpo do trabalho, buscando promover embasamento contextual e temático sobre tais conceitos relacionados.

Assim, tendo como foco, contudo, o livro *As almas do povo negro*, nesta pesquisa o autor será analisado a partir de seu próprio conceito: dupla consciência. Partindo do princípio de que como um negro dos EUA este também possui a alma dividida, buscar-se-á analisar de que maneira ele se posiciona, principalmente no que diz respeito a segregação racial.

Em seus *post scripta*, Du Bois tratava de inúmeros assuntos, comum em todos eles o recorte racial. O período revisto nas análises são os que vem depois de dois grandes eventos importantes: a Primeira Guerra Mundial e a quebra da Bolsa de Nova York. O primeiro afeta o tema pois, soldados negros lutaram pelo país, mas em casa eram tratados como cidadãos de segunda categoria e isso não mudou com

o passar dos anos. O segundo fato também é importante pois afeta a economia americana de forma geral.

Para contextualização desse trabalho no capítulo um *A vida e a obra de W. E. B. Du Bois* será tratado a vida e obra desse autor pouco conhecido no Brasil. O segundo capítulo *The Souls of Sociology* abordará os principais conceitos presentes no livro *As almas do Povo Negro*. Por fim, o terceiro capítulo *Du Bois, dupla-consciência e The Crisis* apresentará a análise dos seis *post scripta* de 1934

Como Du Bois é pouco lido no Brasil, esse trabalho tem como justificativa a atenção que esse autor merece, contribuir para a discussão sobre esse sociólogo tão importante, cujo tema de pesquisa é quase majoritariamente sobre a relações raciais, e que tem muito a acrescentar no entendimento da sociedade brasileira. Além de discutir em maior profundidade seus conceitos sociológicos e, dessa maneira, enriquecer o debate da Sociologia brasileira.

## A vida e a obra de W. E. B. Du Bois

### 2.1 Juventude, Academia e ativismo

William Edward Burghardt Du Bois era filósofo, poeta, romancista, jornalista, ativista e sociólogo. Nasceu em 23 de fevereiro de 1868, quatro anos após o nascimento de Max Weber, em Great Barrington, Massachusetts. Era filho de Mary Silvina Burghardt, doméstica, e Alfred Du Bois, haitiano, barbeiro e trabalhador itinerante<sup>5</sup>. Em *My evolving program for Negro Freedom*, Du Bois descreve a cidade onde nasceu como sendo de classe média, com descendentes de ingleses e holandeses que empregavam força de trabalho irlandesa e alguns negros remanescentes do trabalho escravo dos séculos passados. Contudo, eram em sua



Figura 1 " William E.B. Du Bois, Half-Length Portrait, Facing Left."

Between 1920 and 1930. Visual Materials from the National Association for the Advancement of Colored People Records, Prints and Photographs Division, Library of Congress.

---

<sup>5</sup> Filiação retirada de <https://hutchinscenter.fas.harvard.edu/web-dubois>

maioria pequenos fazendeiros e mercadores.

W. E. B. Du Bois frequentou a escola pública de sua cidade e por indicação do diretor, Frank Anvin Hosmer, fez o preparatório para a universidade<sup>6</sup>. Ainda em *My envolving program for negro Freedom*<sup>7</sup>, Du Bois afirma que durante o período em que morou nessa cidade e frequentou a escola e igrejas, seus companheiros eram majoritariamente brancos, contudo isso não era um impedimento para que ele participasse de todas as atividades que surgiam, como ir a passeios, excursões, festivais da igreja. O autor afirma que era um menino que não tinha consciência da discriminação de cor de uma maneira óbvia, embora notasse que era diferente dos outros meninos e que as pessoas negras eram mais pobres do que os brancos, incluindo sua própria família.

Quando foi ao piquenique anual em Rocky Point, em Narragansett Bay, o sociólogo afirma, em *Dusk of Dawn*, uma autobiografia, que ficou impressionado com a variedade de pessoas negras presentes. Segundo Du Bois (2007, p.11)<sup>8</sup> a possibilidade de conviver com jovens negros da mesma idade o fez perceber como ele havia vivido até aquele momento em um estágio de isolamento espiritual. E foi nesse mesmo período que teve contato com a música negra pela primeira vez e sentiu um laço com a mesma que não havia sentido antes.

Após se graduar na escola, Du Bois queria ir para Harvard, contudo, não tinha dinheiro suficiente pra isso. Trabalhou durante um ano e então, em 1885, recebeu do reverendo C. C. Painter, uma bolsa de estudos para frequentar a Universidade de Fisk. Os fundos para essa bolsa eram provenientes de 4 igrejas de Connecticut onde Painter havia sido pastor. A Universidade de Fisk era uma instituição para alunos negros. O autor afirma (Ibid, p.11) que ficou muito feliz por estar pela primeira vez

---

<sup>6</sup> De acordo com Elijah Anderson, que escreve o prefácio a edição de 1996 de *The Philadelphia Negro*

<sup>7</sup> Originalmente publicado em 1944

<sup>8</sup> “I became aware, once a chance to go to a group of such young people was opened up for me, of the spiritual isolation in which I was living. I heard too in these days for the first time the Negro folk songs. A Hampton Quartet had sung them in the Congregational Church. I was thrilled and moved to tears and seemed to recognize something inherently and deeply my own. I was glad to go to Fisk”. (DU BOIS, 2007, p.11)

entre os seus, até mesmo por perceber que depois que cresceu, já não conseguia se integrar na sociedade em que nasceu, já não era mais chamado para festas e outros eventos.

Em 1885, cinco meses depois da morte de sua mãe, aos 54, iniciou seus estudos na Universidade de Fisk e no mesmo ano iniciou seu trabalho como editor do jornal da universidade, o *Fisk Herald*. Cinco anos mais tarde termina seu bacharelado em Filosofia e ingressa na pós-graduação em Ciências Sociais, em Harvard. Em 1891 recebe o título de mestre em história e a partir desse momento inicia o trabalho para finalizar seu PhD. Durante esse período, consegue uma bolsa e estuda, entre 1892 e 1894, na Alemanha, na Universidade de Berlin. Nesse período estudou com Max Weber, que também frequentava a instituição.

De acordo com Herbert Aptheker (1973)<sup>9</sup>, em uma viagem aos Estados Unidos no ano de 1904, Weber e Du Bois se encontraram e, como resultado, Du Bois publicou um artigo na revista em que Weber editava, a *Archiv*<sup>10</sup>. Em abril de 1905, Weber envia uma carta<sup>11</sup> para Du Bois informando sobre a publicação de seu artigo e comenta sobre outro trabalho de Du Bois, *The Souls of Black Folks*, elogiando-o e pede que o autor autorize a sua tradução para o alemão, aos cuidados de Elizabeth Jaffé-von Richthofen.

Com *The Suppression of the African Slave-trade to United States of America*, W. E. B. Du Bois conseguiu seu PhD em História, pela Universidade de Harvard, em 1895, se tornando o primeiro negro a conseguir esse título naquela instituição. Após essa conquista, foi contratado pela Universidade de Atlanta para ensinar História e Economia, e para auxiliar na criação do departamento de Sociologia da universidade, permanecendo na instituição até 1910. Mais tarde, em 1897, foi convidado pela Universidade da Pensilvânia para conduzir uma pesquisa sobre as condições de vida da população negra na Filadélfia. O resultado dessa pesquisa foi *The Philadelphia Negro*, um dos primeiros estudos empíricos sobre a comunidade

---

<sup>9</sup> Publicou toda a correspondência de W. E. B. Du Bois

<sup>10</sup> “A result was the publication of the article by Du Bois mentioned in this letter "Die Negerfrage in den Vereinigten Staaten" (The Negro Question in the United States) in a journal Weber edited, *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik* 22 (1906):31-79.” (DU BOIS, W.E.B; APTHEKER, H., 1973, p.106)

<sup>11</sup> Carta está no anexo desse trabalho.

negra nos Estados Unidos, em que o autor explica de forma detalhada em um capítulo inteiro quais métodos foram utilizados para o trabalho: entrevistas, observação participante e estatística. Mesmo com os excelentes resultados de sua pesquisa, Du Bois não recebeu nenhuma oferta de emprego pela Universidade da Pensilvânia.

A essa altura, Du Bois já havia mostrado que era um acadêmico importante, com ideias novas, além de sua grande capacidade de produção. Contudo, ele não seria apenas um acadêmico. O sociólogo tinha ligações diretas e muito fortes com os movimentos sociais. No ano de 1900 ele comparece ao primeiro congresso pan-africano<sup>12</sup> em Londres e é eleito seu secretário. O Pan-africanismo, segundo Barbosa (2012) foi um momento formado por intelectuais de tradição ocidental que falavam e escreviam línguas europeias. O principal ponto desse movimento nas Américas, ainda segundo o autor, era o colonialismo interno, ou seja, a condição de subalternidade da população negra nas sociedades americanas. Sob o ponto de vista da África, a questão era o colonialismo externo. Barbosa (2012) afirma que a

primeira geração era formada por intelectuais negros, tendo por destaque ativistas como Paul Cuffee, Martin Delany, Booker T. Washington, Alexander Crummel, J. A. Horton, Bishop James Johnson, Edward Blyden, Marcus Garvey, W. E. Du Bois, Silvester Williams, entre outros (p.136)

Dentre esses autores mencionados, Du Bois tinha um conflito com dois deles: Booker T. Washinton e Marcus Garvey. Como Du Bois tinha a sua visão de pan-africanismo, Wiggan (2010) diz que esse não convidou Marcus Garvey para o segundo congresso pan-africano por considerar sua visão perigosa e radical, apesar de naquele momento Garvey ser o líder negro mais popular e ter grande apoio ao redor do mundo. Em relação a Washington, Du Bois o criticava por ser muito alinhado aos interesses dos brancos e fechar os olhos para a violência contra a população negra como os *lynching*<sup>13</sup>, por exemplo. De acordo com Barbosa (2012), nos congressos do pan-africanismo, Du Bois defendia melhor condição de vida a

---

<sup>12</sup> Nesse momento não foi chamado de Conferência Pan-africana, e sim de Conferência dos povos de cor, de acordo com Paim (2014)

<sup>13</sup> Tipo de violência praticado por uma multidão com o pretexto de praticar justiça sem um julgamento, que executa o suposto ofensor, geralmente após tortura e mutilação corporal. (Tradução minha de “a form of violence in which a mob, under the pretext of administering justice without trial, executes a presumed offender, often after inflicting torture and corporal mutilation.” Retirado de <https://www.britannica.com/topic/lynching>).

população negra nos EUA, com o incentivo ao cooperativismo negro e solidariedade negra, bem como defendia a independência dos países africanos na África.

O segundo momento do movimento pan-africanista, que acontece a partir dos anos 1920, tem dois momentos distintos: “a) pan-africanismo cultural; b) pan-africanismo histórico” (Ibid, p.141). O primeiro momento foi influenciado pelo pensamento de Du Bois e marca um período de grande produção literária e artística, em que acontece o movimento *Harlem Renaissance*. É possível observar “um período de intensa incorporação simbólica do negro à cultura artística ocidental” (Ibid, p.141) e com forte valorização da figura do Negro.



Figura 2 Membros do III Congresso Pan-Africano, em Lisboa, Maio de 1923. Sentados: Luiz Alberto de Pinho, Manuel Herminio Paquete, Burghart Du Bois, José de Magalhães, Pascoal Pires dos Santos, Lourenço Pires Amado. De pé: Manuel Maria Ribeiro, Angelino Costa, Sebastião N. d'Alva Teixeira, Augusto de Magalhães, Tomé Agostinho das Neves, Manuel Afonso de Barros e Pascoal Betencourt. CasaComum.org, Disponível HTTP: <http://www.casacomum.org/cc/visualizador?pasta=08030.001.015> (2019-9-6)

Du Bois ajudou a fundar o *Niagara Movement*, que foi o primeiro esforço de um movimento em prol dos direitos civis para população negra e contra a leis do Jim Crow<sup>14</sup>. O primeiro encontro aconteceu em 1905 e W. E. B Du Bois foi

<sup>14</sup> Instituídas em 1881, as leis criaram a separação legal por raça dos americanos. A mais comum das leis tornou ilegal pessoas de raças diferentes se casarem e exigiam que os proprietários de

nomeado secretário geral. O *Niagara Movement* foi o primeiro passo para a criação da NAACP em 1910.

De acordo com Angela Jones (2011), essa não foi a principal contribuição do *Niagara Movement*. A principal, segundo a autora, foi criação de uma nova vida pública afroamericana, desenvolvendo influência e agência política. Além de desenvolver a agenda dos direitos civis, a autora afirma que os membros desse movimento buscaram cultivar uma esfera pública negra que combinasse expressões cívicas, políticas e estéticas/literárias<sup>15</sup>. Outra contribuição importante do *Niagara Movement*, de acordo com a autora, foi criar normas para dar apoio e suporte à imprensa negra para que essa fosse além da luta contra as políticas do Jim Crow. Jones afirma que os membros do *Niagara Movement*

Procuraram cultivar um novo habitus negro através da publicidade, discutindo questões de respeitabilidade, ideias sobre comportamento, elaborando um novo vernáculo negro para o emergente cidadão negro e dedicando esforços em larga escala ao cultivo e celebração da arte e cultura negra<sup>16</sup> (p.47)

Ou seja, criando uma estratégia para valorizar a cultura negra e a figura do negro.

Em 1909, mesmo ano da quinta e última conferência do *Niagara Movement*, é fundada a NAACP. Apesar do compromisso em manter uma diretoria multirracial, Du Bois foi o único afro americano a permanecer no conselho diretor. Em 1910, Du Bois é nomeado diretor de publicações, fundando e editando a *The Crisis*, permanecendo como editor até 1934, quando deixa o comando da revista, assim como a NAACP. Neste mesmo ano, é convidado para retornar à Universidade de Atlanta, para uma cadeira no departamento de Sociologia. Em 1944, ele se aposenta

---

negócios separassem seus clientes por cor e protegiam seu direito de legalmente recusar serviços a pessoas por conta de sua cor. [Tradução minha de “*The laws created [...] legal separation by race of Americans. [...] The most common Jim Crow laws made it illegal for anyone to marry someone of another race and demanded that business owners separate their costumers by skin color and protected their rights to legally refuse service to people because of race*” (TISCHAUSER, 2012, p.xi)]

<sup>15</sup> Tradução minha de “sought to cultivate a black public sphere that combined civic, political and aesthetic/literary expressions” (JONES, 2011, p.47)

<sup>16</sup> Tradução minha de “Sought to cultivate a new black habitus by publicity discussing issues of respectability, ideas about behavior, crafting a new black vernacular for the emerging black citizen, and dedicating large-scale efforts to the cultivation and celebration of black art and culture” (JONES, 2011, p.47)

pela Universidade de Atlanta<sup>17</sup> e volta para a NAACP como diretor de pesquisas especiais, contudo é demitido no mesmo ano, após seu memorando criticando Walter White<sup>18</sup> e a NAACP ser publicado no *New York Times*.

Como dito anteriormente, Du Bois foi um intelectual muito profícuo. Ao longo de sua vida escreveu mais de 20 livros, a maior parte deles sobre a temática racial. Para citar alguns trabalhos, além do *The Philadelphia Negro*, trabalho feito para a Universidade da Pensilvânia, citado anteriormente, temos *Black Reconstruction*, um livro de mais de 800 páginas, publicado em 1935, em que o autor fala sobre o período pós-Guerra Civil Americana, fazendo críticas à Reconstrução experienciada no sul dos EUA, pela falta de estrutura para a população negra e pela corrupção dos líderes afroamericanos. O autor afirma uma falha do governo federal em criar e manter um *Freedmen's Bureau*<sup>19</sup> efetivo, o que, de acordo com o autor, “perpetuou a escravidão sobre diferentes formas e prendeu o Sul no feudalismo” (DU BOIS, 1998, p.vii)<sup>20</sup>. Outro livro muito importante, que será tratado com mais profundidade nesse trabalho, é *The Souls of Black Folks*, publicado em 1903, um dos trabalhos mais importantes do autor, em que ele discorre sobre a subjetividade negra e fala de três conceitos fundamentais desenvolvidos por ele e importantes em sua sociologia: *double consciousness*, *veil*, *color line*.

W. E. B Du Bois foi um intelectual que teve muitas experiências em outros países, viajava muito. Além da viagem para estudar na Universidade de Berlim em 1892, em 1900 foi ao congresso pan-africano em Londres, em 1919 foi à conferência pan-africana em Paris. No ano de 1923 organizou a terceira conferência

<sup>17</sup> Em 1940, Du Bois funda o Phylon, uma revista acadêmica quadrimestral voltada para a questão racial

<sup>18</sup> Secretário executivo da NAACP entre 1931 e 1955, quando morreu de um ataque cardíaco

<sup>19</sup> Durante o período da Reconstrução, após a Guerra Civil Americana, [esse era o] nome popular para o Bureau de Refugiados, Libertos e Terras Abandonadas dos EUA, estabelecido pelo Congresso para fornecer ajuda prática a 4.000.000 de afro-americanos recém-libertados em sua transição da escravidão para a liberdade. [Tradução minha de “during the [Reconstruction](#) period after the [American Civil War](#), popular name for the U.S. Bureau of Refugees, Freedmen, and Abandoned Lands, established by Congress to provide practical [aid](#) to 4,000,000 newly freed [African Americans](#) in their transition from [slavery](#) to freedom”] Extraído de <https://www.britannica.com/topic/Freedmens-Bureau>.

<sup>20</sup> Tradução minha de “that have perpetuated slavery under different forms and locked the south into feudalism”

pan-africana em Londres, Lisboa e Paris, contudo, não foi à seção de Paris. Neste mesmo ano foi à Libéria para a inauguração presidencial liberiana, representando os Estados Unidos. Em 1926 foi à então União Soviética observar a vida após a Revolução Bolchevique.

Em 1936, passa 5 meses na Alemanha para estudar educação industrial e viaja pela Polônia, União Soviética, Manchúria, China e Japão. Du Bois volta à Inglaterra em 1945, para a quinta conferência pan-africana. Em 1949, comparece ao Congresso Mundial dos Defensores da Paz, em Paris, e vai à Conferência dos Proponentes da Paz, em Moscou. Em 1952, o Departamento de Estado americano recusa seu passaporte com o argumento de que suas viagens internacionais não são de interesse do país. Depois disso, o Departamento de Estado exigiu que Du Bois fizesse uma declaração dizendo que não era membro do partido comunista, mas ele se recusou a fazer. Du Bois teve uma vida longa, o que possibilitou que ele mudasse de opinião e posicionamento político. Se em um primeiro momento, ainda no começo do século XX, o sociólogo está mais alinhado com os liberais do norte dos EUA em virtude da sua educação e local em que nasceu, após a sua saída da *The Crisis Magazine*, o autor começa se aproximar do comunismo, vinculação tornada mais forte a partir dos anos 50, em plena Guerra Fria. Esse fato trouxe algumas complicações para ele.

Nos anos de 1955, 1956 e 1957 seu passaporte foi recusado para ir, respectivamente, à Polônia, China e Gana. No ano de 1958, após decisão da Suprema Corte americana, seu passaporte é concedido e ele faz uma viagem mundial que inclui: Inglaterra, França, Bélgica, Holanda, Tchecoslováquia, Alemanha Ocidental, onde lhe é concedido um doutorado honorário pela Universidade Humboldt<sup>21</sup>, e União Soviética.

Em 1960 ele viaja para Gana e Libéria para comparecer, respectivamente, à celebração do estabelecimento da República em Gana e para a inauguração do primeiro governo geral africano. Em 1961, ele se muda para Gana a convite de Kwame Nkruma<sup>22</sup>, e em 1962 viaja mais uma vez para a China. Em 1963, W. E. B Du Bois se torna cidadão ganês, completa 95 anos em fevereiro e, em agosto deste

---

<sup>21</sup> Chamada de Universidade de Berlim na época em que Du Bois estudou.

<sup>22</sup>Primeiro ministro de Gana.

mesmo ano, na véspera da marcha de Washington pelos direitos civis, ele morre. Podemos observar que a maior parte das suas viagens foram motivadas por razões acadêmicas e políticas, o que demonstra o comprometimento desse intelectual com as condições em que as pessoas de cor<sup>23</sup> viviam. Assim como mostra que o sociólogo fundador da Sociologia americana moderna, que teve uma vida muito longa, dedicou toda ela a essa causa, tanto na militância, quanto na academia. Ele foi pioneiro em muitas coisas, ajudou a fundar vários movimentos civis e instituições. Foi o primeiro a estudar a comunidade afro-americana e, de acordo com Julian Go, foi o primeiro a negar o darwinismo social. Segundo Henry Louis Gates Jr. em seu prefácio a *As almas do povo negro*, muitos consideram Du Bois o pai do movimento para os Direitos Civis.

## 2.2 Imprensa negra

O jornal é uma ferramenta que possibilita a comunicação com um grande número de pessoas e pode ter a função de informar, ou de organizar uma instituição ou evento, por exemplo. Alexis de Tocqueville em *Democracia na América: sentimentos e opiniões* (2014), escreve sobre a relação entre as associações e os jornais. O autor afirma que só o “jornal é capaz de depositar no mesmo momento em mil espíritos o mesmo pensamento” (p.157). O jornal pode ser direcionado para um grupo específico de pessoas e, como diz o autor, pode, todos os dias, falar sobre um assunto comum de forma breve. Esse foi o caso da imprensa negra, que tinha por objetivo falar a um grupo específico: a população negra. Aqui, uso o conceito de Miriam Ferrara, que diz que a imprensa negra é caracterizada como uma mídia feita por negros, para negros, sobre seus interesses.

Nos Estados Unidos, o *Freedoms's Journal* foi o primeiro jornal da imprensa negra, tendo circulado entre 1827 e 1828. Foi fundado com o objetivo de suprir a ausência de assuntos relacionados à vida dos negros na mídia *mainstream*, que ali só figuravam nas páginas policiais. Depois desse primeiro jornal, cerca de 24 outros começaram a circular. Estima-se que, entre a Guerra Civil Americana (1861-1865)

---

<sup>23</sup> Embora Du Bois fale na maior parte do tempo sobre a situação da população negra em escala mundial, em alguns Post-Scriptum da *The Crisis*, o autor se refere a população japonesa e chinesa como povos de cor.

e a virada do século XIX para o XX, circularam mais de 500 jornais da imprensa negra.<sup>24</sup> O número de jornais da imprensa negra norte-americana é muito superior aos que tiveram curso no Brasil, mas em ambos os casos, como periódicos independentes, patrocinados por anunciantes e pelos compradores avulsos, sua existência era marcada por problemas financeiros e por muita luta para se manter.

Alguns jornais tiveram grande notoriedade, como o *California Eagle* e o *Chicago Defender*. No começo, este circulava em Chicago, contudo Robert S. Abbott, o editor, percebendo o grande número de negros no Sul dos EUA, passou a vender esse jornal também naquela região do país. Em um dado momento, esse jornal passou a ser proibido no Sul dos EUA e circulava clandestinamente. O *California Eagle*, segundo a historiadora Jane Rhodes, recrutou afro-americanos para Los Angeles e indicava a essas pessoas como conseguir casa e emprego, ou seja, como se estabelecer e formar uma comunidade.<sup>25</sup>

Alguns artigos da imprensa negra americana abordaram assuntos e casos específicos. Um desses exemplos é caso de Bakke, abordado no artigo acadêmico *The Black Press and the Bakke Case* (1980), que fala como a imprensa negra retratou a história de um homem branco que afirmou ter sofrido discriminação racial. No artigo acadêmico *From Black Politics to Black Community: Harry C. Smith and the Cleveland Gazette* (1990), é tratada a mudança de posicionamento desse jornal, da imprensa negra, que ocorreu devido à mudança de posicionamento político de seu editor. Outro artigo importante para entender a imprensa negra, que também mostra a circulação de ideias em nível global, é *The West Indian Gazette: Claudida Jones and the black press in Britain* (2008). Este artigo mostra como Claudia Jones<sup>26</sup>, que nasceu em Trinidad e migrou para os EUA para morar com os pais, participou de diversos jornais, sendo editora de dois deles, o *Weekly Review* e o *Negro Affairs*, mas, após ser presa em virtude de ser comunista, migrou para a Inglaterra e fundou o primeiro jornal de imprensa negra britânico comercial, o *The West Indian Gazette*, em 1958.

<sup>24</sup> As informações foram extraídas do documentário *The Black Press: Soldier without swords*.

<sup>25</sup> Retirado do documentário *The Black Press: soldier without swords*.

<sup>26</sup> Para saber mais sobre Claudia Jones Cf. *Left of Karl Marx: The political life of black communist Claudia Jones* de Carole Boyce Davies

Um fato de grande relevância sobre a imprensa negra é seu caráter transnacional. É possível perceber a troca de informações entre os editores e intelectuais que fazem parte desses jornais. O editor do *Chicago Defender*, mencionado acima, Robert S. Abbott, de acordo com Domingues (2013)

No dia 14 de outubro de 1933, o jornal *Chicago Defender* informava aos seus leitores, na primeira página, que os afro-brasileiros estavam dando uma resposta ao nefasto “preconceito de cor” importado dos Estados Unidos: “O esforço de certos imigrantes da parte Sul dos Estados Unidos em organizar uma Ku Klux Klan brasileira recebeu uma resposta do povo desta nação”, quando se soube que “em São Paulo e na Bahia organizou-se uma sociedade conhecida como Frente Negra (p.158).

Essa notícia diz respeito à fundação da Frente Negra Brasileira (FNB), que funcionou até a instauração da ditadura do Estado Novo, em 1937. O jornal da FNB era *A Voz da Raça* e circulou entre 1934 e 1937. Domingues afirma que no *Chicago Defender* é publicada uma notícia que dizia que a criação da FNB havia sido influenciada por Abbott. Este fez uma viagem ao Brasil em 1923 e a partir desse momento acompanhou a política racial do Brasil. Durante a década de 1920 houve uma troca de correspondência entre o *Chicago Defender* e o *Clarim da Alvorada*<sup>27</sup>, este periódico da imprensa negra brasileira teve como um dos fundadores José Correia Leite<sup>28</sup> e, na fundação da FNB, este compôs o conselho fundador. No artigo de Domingues fica claro que havia uma admiração mútua e constante comunicação.

A importância da imprensa negra e seu caráter transatlântico são ressaltados em diversos textos, um exemplo disso é o texto de Paul Gilroy *O Atlântico Negro*, que cita intelectuais negros viajantes, dizendo que as percepções de dominação racial mudavam com as suas experiências em outros lugares. O autor vê o Atlântico como a principal forma de comunicação e fala de intelectuais que possuíam jornais e esses circulavam pelo mundo, como é o caso do *Negro Worker*, que era o jornal de George Padmore<sup>29</sup>. A comunicação entre as diásporas se dava pelo Atlântico, a circulação interna da informação era através da imprensa negra. Outro exemplo que

---

<sup>27</sup> Jornal da imprensa negra brasileira, que circulou durante a década de 20.

<sup>28</sup> Correia Leite fundou o *Clarim da Alvorada* junto com Jayme de Aguiar

<sup>29</sup> Jornalista, escritor e importante pan-africanista que nasceu em Trinidad. Foi conselheiro de Kwame Nkruma depois da independência de Gana.

pode ser dado em relação à comunicação através da imprensa e a troca entre seus intelectuais é a matéria na capa do jornal *Quilombo*, editado por Abdias Nascimento, que circulou entre os anos de 1948 e 1950. Na capa da primeira edição do *Quilombo*, está a entrevista feita com o Dr. George S. Schuyler, que veio ao Rio de Janeiro em missão jornalística do *The Pittsburgh Courier*, jornal da imprensa negra dos Estados Unidos que tinha circulação nacional.<sup>30</sup>

W.E. B. Du Bois participou de vários jornais. Sua primeira experiência foi na Universidade de Fisk, em 1885 editou o *Fisk Herald*, o jornal da universidade. Publicou artigos em 1899 no *Atlantic Monthly*<sup>31</sup>, jornal criado em 1857, que se opunha à escravidão, e no periódico *The Independent*.

Em 1905, Du Bois funda *The Moon Illustrated Weekly*, revista nacional, financiada pelo próprio autor. De acordo com Paul Partinton em *The Moon Illustrated Weekly—The Precursor of the Crisis*, Du Bois já aspirava ter uma revista voltada para o negro desde 1901. De acordo com o autor, esse jornal foi o precursor da *The Crisis*. O objetivo de Du Bois, segundo Partinton (1963, p.206 apud DU BOIS, 1906), para a criação do jornal era “interpretar uma nova consciência de raça para o mundo”<sup>32</sup>. Esse jornal parou de circular no ano seguinte de sua criação.

No ano seguinte, em 1907, Du Bois funda e edita *The Horizon: a Journal of the Color Line*, entre 1907 e 1910. Era um jornal pequeno, especializado em questões da imprensa americana no que diz respeito às pessoas de cor, segundo Ashton em *Du Bois's "Horizon": Documenting movements of the color line* (2001). E a autora aponta para um fato importante, na medida em que o jornal começa a circular ele tem 20 páginas, contudo, devido a problemas de financeiros esse número vai diminuindo. Neste artigo, a autora aborda a maneira como W. E. B. Du Bois trata a *color line* no *Horizon*. Este jornal foi criado após o lançamento de *The Souls of Black Folks* e, de acordo com a autora, o laço entre esse jornal e a forma como o *Horizon* é tratado é tão forte que uma cópia do livro foi enviada como prêmio a cada assinatura do jornal.

<sup>30</sup> [http://www.pbs.org/blackpress/news\\_bios/courier.html](http://www.pbs.org/blackpress/news_bios/courier.html)

<sup>31</sup> Circula até os dias atuais e é possível encontrar os artigos que Du Bois escreveu em <https://www.theatlantic.com/author/w-e-burghardt-du-bois/>

<sup>32</sup> Tradução minha de “new race consciousness to the world”

Em 1910, na cidade de Nova Iorque, Du Bois fundou a *The Crisis*, que é a publicação oficial da NAACP. Tanto a instituição quanto a revista funcionam até os dias de hoje. A associação foi fundada em 12 de fevereiro de 1909 e tinha como objetivo assegurar os direitos civis, para todos, garantidos pela 13<sup>a</sup>, 14<sup>a</sup> e 15<sup>a</sup> emendas da constituição dos Estados Unidos<sup>33</sup>. Um dos motivos que levou à criação da NAACP foi o aumento significativo da violência contra a população negra, sobretudo com a prática de *lynching*. A NAACP era formada por muitos intelectuais, inclusive editores de outros jornais, um exemplo era Ida B. Wells, editora do *Memphis Free Speech*, com quem Du Bois se correspondia, que se dedicava a publicitar os *lynching* que aconteciam contra os afro-americanos, pois não se tinha nenhuma notícia sobre isso na imprensa mainstream.

Du Bois ficou à frente da *The Crisis* entre 1910 e 1934, um quarto de século. De acordo com Rudwick em *W. E. B. Du Bois in the role of Crisis Editor*, Du Bois é identificado como o pai do jornalismo militante. A *The Crisis* teve um papel fundamental na criação de uma nova imagem do afro-americano. Podemos conceber como pano de fundo o que já foi dito anteriormente, que o objetivo não só dos movimentos sociais em prol dos direitos dos afro-americanos como da imprensa negra, era o de criar uma nova subjetividade da população afro-americana.

A revista oficial da NAACP não se limitava apenas em denunciar a violência a que a população negra era submetida. Em suas primeiras páginas podemos perceber anúncios como vagas para trabalho, oferta de serviços, vagas em universidade, vagas para treinamento em alguma profissão específica. A *The Crisis* possuía uma página chamada de *Crisis School Directory* que era específica para o anúncio de faculdade, inclusive as universidades voltadas para a população negra como *Howard University*, *Fisk University*, *Atlanta University*.

---

<sup>33</sup> Extraído de <https://www.naacp.org/nations-premier-civil-rights-organization/>

**Washington Business Institute**  
 200 West 125th St. New York City  
 A professional school of collegiate grade specializing in  
 General Business and Secretarial Courses.  
 Stenography, Typewriting, Bookkeeping  
 Class and individual instruction  
 Register now for Fall term. Catalogue on Request.

**Efficient Stenographers!**  
 You can be an efficient stenographer by taking  
 a course in stenography and typing at  
**THE STENOGRAPHERS' INSTITUTE**  
 1227 S. 17th Street Philadelphia, Pa.  
 Tuition may be paid on easy payment plan  
 EDWARD T. DUNCAN, Principal

**The Whittaker Memorial Hospital**  
 accredited school for nurses  
 Offers a three year course in general nursing to  
 High School graduates over eighteen years of age;  
 monthly cash allowance.  
 Apply to M. R. Helms, R.N.  
 Supt. of School of Nursing  
 1014 29th STREET NEWPORT NEWS, VA.

**Knoxville College**  
 KNOXVILLE, TENN.  
 Beautiful Situation and Healthful Location.  
 Best Moral and Spiritual Environment.  
 Splendid Intellectual Atmosphere.  
 Noted for Honest and Thorough Work.  
 Fully Accredited for  
 Teachers' Certificates by State Board  
 Home-like Dormitory Life with Careful Supervision  
 Live Athletic and Literary Interests  
**COURSES: College and Music**  
 Expenses Very Reasonable  
 Catalog and other literature sent free upon request  
 Address: J. KELLY GIFFEN, President  
 KNOXVILLE, TENN.

**FISK**  
**UNIVERSITY**  
 THE COLLEGE  
 THE MUSIC  
 SCHOOL  
 GRADUATE  
 DEPARTMENT  
 For Particulars, Address The Dean  
 Fisk University, Nashville, Tenn.

Figure 3 Anúncios para treinamentos em profissões, vagas em universidades, retiradas da edição de janeiro da *The Crisis* de 1933.

A *The Crisis* tem uma parte que se chama *Along the color line* e é nessa parte que a revista trata de assuntos como a política tanto interna quanto externa, violência contra a população afro-americana, eventos, obituário, esportes, figuras ilustres, prêmios, tudo voltado para a população negra norte-americana. O formato da revista deixa claro que não é apenas um espaço de denúncia, mas também de exaltação dessa comunidade; histórias são publicadas, livros são recomendados. Pela quantidade de anúncios das universidades, é notório o incentivo à educação, inclusive essa é uma das grandes bandeiras de Du Bois. De acordo com Rudwick (1958) o período que Du Bois passou na *Crisis* representou um grande esforço em mostrar que o afro-americano não deveria ter vergonha de ser negro e, dessa

maneira, sempre era publicado na *The Crisis* as grandes contribuições dos membros da raça à sociedade americana.

Em alguns trabalhos, a exemplo de Rudwick (1958) e Nascimento (2015), Du Bois é mostrado como se ele tivesse uma postura autoritária e que dava o tom que queria ao periódico sem levar em consideração os posicionamentos da NAACP. Rudwick (1958, p.214) afirma

que embora a revista fosse de posse da NAACP, Du Bois estava determinado que a *The Crisis* refletisse sua própria ideologia, pois considerava que o conselho, composto por várias personalidades, não era verdadeiramente capaz de expressar um conjunto de opiniões bem definidas em assuntos específicos.<sup>34</sup>

Na *The Crisis*, Du Bois teve vários problemas com o conselho, muitos achavam que ele era muito radical, ao que ele se defendia dizendo que se a *The Crisis* não discutisse suas ideias de um jeito provocativo, não seria lida nem teria tanta influência.<sup>35</sup> A revista, como dito anteriormente, não tinha um escopo exclusivamente interno, ela se ocupava dos assuntos da raça em nível mundial e é importante salientar que ia além da população negra. Du Bois em seus *post scripta* falava a todas as pessoas de cor, como por exemplo quando emite uma opinião, em 1933, sobre o desacordo entre a China e o Japão e apela para que parem de brigar um com o outro.

Du Bois sempre demandou independência enquanto editor da *The Crisis*, sempre tentava convencer o conselho da revista desse posicionamento. Contudo, de acordo com Rudwick (1958) um desses momentos foi durante a primeira Guerra Mundial, em que o editor da *The Crisis* dirigiu várias críticas ao presidente dos EUA, Woodrow Wilson, à Comissão de Serviço Civil dos EUA, ao General Adjunto e ao Departamento de Guerra e, em resposta a essas críticas, na primavera de 1918, o Departamento de Justiça o alertou que suas críticas iam contra os esforços de guerra e, dessa forma, eram ilegais. Esse fato preocupou a NAACP e,

<sup>34</sup> Tradução minha de “The journal [...] was property of the Association. However, Du Bois was “determined” that the *The Crisis* would reflect his own ideology because he considered that the board, composed of varied personalities, was not truly able to express a set of well-defined opinions on specific issues” .

<sup>35</sup> Tradução minha de “ if the *Crisis* had not discussed his own ideas in a provocative fashion, it would have been unread and of little influence”

com a pressão da mesma, além do Departamento de Justiça, Du Bois procurou tratar o assunto de forma mais cautelosa.

A tensão entre a NAACP e o editor da *The Crisis* aumentou ao longo dos anos. Ao longo dos anos de 1933 e 1934 podemos ver o desgaste na relação de Du Bois com a NAACP, já que em muitos momentos o editor mantinha um posicionamento diferente da NAACP. O relatório das reuniões de conselho do ano de 1934 mostra um momento claro de descontentamento da instituição com Du Bois. A NAACP, mesmo tendo a *The Crisis* como sua revista oficial, fornece informações sobre a instituição ao *Pittsburgh Courier* e não a *The Crisis*. Du Bois fica contrariado, afirmando que as informações deveriam ter sido publicadas no periódico oficial da NAACP.

Em outro momento do relatório, nota-se que na votação do encontro de abril ficou decidido que, quando a *The Crisis* fosse pauta de discussão, o seu gerente, senhor Streater, deveria estar presente. Durante o ano de 1934, uma das pautas presentes, que era uma discordância entre Du Bois e a NAACP, era o fato de o editor da *The Crisis* apoiar a auto segregação da população afro-americana. Com isso, em agosto de 1934, é publicada a carta de demissão de Du Bois nas páginas da *The Crisis*. Além dessas experiências, em 1920, Du Bois funda e edita *The Brownies' Book* uma revista mensal para crianças afro-americanas.

### **2.3 Du Bois, Washington e Garvey**

Ao longo de sua trajetória, W. E. B. Du Bois discordou e criticou algumas personalidades. Dentre elas podemos destacar Marcus Garvey e Booker T. Washinton. Esses três intelectuais negros tinham grandes diferenças entre si. Além de suas ideias, como suas experiências de vida e isso justifica a diferença entre eles.

Booker T. Washinton nasceu em 5 de abril de 1856, ou seja, 12 anos antes de Du Bois. Em seu livro autobiográfico *Up From Slavery*<sup>36</sup> o autor afirma que nasceu escravo em uma plantação na Virgínia e viveu aí com sua mãe, um irmão e uma irmã até todos serem declarados livres após a Guerra Civil Americana. Sobre o seu pai, ele diz que sabe muito pouco, apenas que ele era um homem branco que vivia perto dessa plantação. Sobre seus antepassados, do lado materno, o autor fala que

---

<sup>36</sup> De acordo com Sabrina Gledhill (2014) Graciliano Ramos traduziu essa autobiografia, em 1940, com o nome *Memórias de um negro*.

só ouviu sussurros sobre o que possivelmente aconteceu com eles no caminho para a América, nos navios vindos da África.



Figura 4 Booker T. Washington, 1895. Fotógrafo: Frances Benjamin Johnston Créditos: *Congress Library*

3

Washington

afirma

que começou a aprender a ler sozinho e, como trabalhava durante o dia com mineração, fez um acordo com a professora da escola para crianças negras para ter aula de noite. Depois, Washington se muda para ter aulas no *Hampton Institute*. Após a Guerra Civil Americana, no período da Reconstrução, Washington foi convidado para ser professor nesse mesmo instituto. Contudo, em 1881, Washington recebeu um convite do General Armstrong para fundar e dirigir uma escola para pessoas de cor em no Estado do Alabama, na cidade de Tuskegee, o Instituto Normal e Profissionalizante Tuskegee, hoje Universidade de Tuskegee.

De acordo com Sabrina Gledhill (2014) Washington acreditava que uma educação voltada para o trabalho seria o mais importante para a população de cor antes de aprenderem latim e grego. Essa afirmação gerou uma forte crítica da parte de Du Bois, que o acusou de querer fazer uma política conciliatória, com uma aliança com os brancos simpáticos à causa da população de cor e dessa forma a

população de cor permaneceria no trabalho braçal e dentro de uma lógica paternalista em relação aos brancos.

No livro *The Battle for the Souls of Black Folks*, de Thomas Aielo (2016), é citado um memorando de junho de 1923 de Du Bois para Walter White, membro da NAACP, em que o editor da *The Crisis Magazine* afirma que a fraqueza da filosofia de Booker T. Washington estava no fato dele acreditar que era possível obter e manter poder econômico sem poder político e que o encorajamento à indústria, à poupança e às empresas entre a população de cor estava correto, mas a suposição de que aumentando a riqueza dos negro, sua eficiência e inteligência o preconceito por parte dos brancos iria diminuir sem nenhuma ação política por parte dos negros não estava certo.

Apesar de não ser uma novidade falar que um intelectual defende a educação, é importante ressaltar que entre Du Bois e Washington as visões sobre que tipo de educação a população de cor deveria receber era grande, pois se de um lado Washington apoiava uma educação mais técnica que possibilitasse aos negros conseguir trabalhos, de outro Du Bois defendia uma educação mais clássica, com formação universitária. Por esse motivo, inclusive, Du Bois foi criticado, como cita Rudwick (1958), por estar interessado apenas em criar uma elite negra que lideraria os demais. Este, inclusive, é o tema de Du Bois em seu ensaio “*The Talented Tenth*” presente em *The Negro Problem* (1903). O autor inicia o texto com a afirmação de que “A raça negra, como todas as raças, será salva por seus homens excepcionais”<sup>37</sup> (DU BOIS, 1903, p.33). O autor continua seu ensaio dizendo que a educação de homens é complicada, pois é possível criar homens que consigam ganhar dinheiro, ou com treinamento manual é possível criar bons artesãos, mas o fato é que, de acordo com Du Bois, não necessariamente se estaria criando homens. Segundo o autor, para isto seria necessário o ensino superior, pois para ser um homem é preciso algumas características como conhecimento do mundo, tanto passado quanto presente, e inteligência. Segundo o autor, para obter essas características é necessário o ensino superior. A autora Sabrina Gledhill (2014) afirma que com a influência de W. E. B Du Bois e seus colegas da “Décima Parte Talentosa”

---

<sup>37</sup> Tradução minha para “The Negro race, like all races, is going to be saved by its exceptional men.”

[*Talented Tenth*] <sup>38</sup> a imagem de Washington foi distorcida ainda com ele vivo e que apesar dos esforços de alguns autores o líder negro em diversos momentos é retratado como “comodista” e “judas”. Com o exposto, pode-se afirmar que essa é a principal diferença entre esses dois líderes negros.



Figura 5 Marcus Garvey, 1924. Créditos: Congress Library

4 Marcus Moziah Garvey nasceu na Jamaica, em 1887, dois anos após Du Bois iniciar seus estudos na Universidade de Fisk. Estudou até os 14 anos, quando começou a trabalhar. De acordo com Domingues (2017) foi nesse período que conheceu o racismo e assim iniciou sua militância política três anos depois. Garvey viajou pela América Central e conheceu assim os problemas que a população negra enfrentava em vários países do Caribe. Entre os anos de 1912 e 1914, Garvey viveu em Londres<sup>39</sup> e, segundo Domingues (2017), foi quando começou a ter interesse sobre a África e queria saber sobre a administração nos países africanos que se encontravam na condição de colônia, sobre a cultura e história. Quando volta pra Jamaica, em 1914, funda a *Universal Negro Improvement and Conservation Association and Africa Communities League*, que ficaria conhecida como a Unia. Esta instituição, segundo Domingues (2017), tinha por objetivo promover os direitos civis dos negros e tinha como slogan “One God, one aim, one

<sup>38</sup> Gledhill (2014) que esse termo é como “se autodenominava a elite intelectual da época” (p.20).

<sup>39</sup> Informação retirada de <https://www.britannica.com/biography/Marcus-Garvey>

destiny’ (“Um Deus, um objetivo, um destino”) e ‘Africa for Africans at home or abroad’ (África para os africanos de casa ou no exterior)” (p.131).

Em 1916, vai para os EUA e instala a Unia no Harlem. Domingues (2017) diz que a Unia teve um crescimento muito grande, principalmente durante o ano de 1918, graças ao papel que *The Negro World* teve em divulgá-la e, com isso, durante a década de 20 a instituição possuía mais de 1 milhão afiliados. Outro fator que contribuiu para esse números foi o fato de afro americanos que lutaram na Primeira Guerra Mundial lado a lado com os brancos, arriscando a vida e quando voltaram para a sua terra encontraram a mesma situação de quando haviam saído, ainda sendo tratados como cidadãos de segunda categoria. Ainda de acordo com Domingues, Garvey soube aproveitar muito bem esse descontentamento para reunir mais associado a Unia e ainda encorajava a população a se levantar contra a dominação colonial na África, assim como os negros fora da África a lutar contra o racismo vivido nas suas respectivas sociedades. Com o slogan da Unia, *Africa for Africans at home or abroad*, é possível perceber a intenção de que a África seja vista como a terra para a população negra, esse era o plano de Garvey e sobre isso, Domingues fala que

A tese de Garvey, de repatriação dos afrodescendentes ao continente africano, adquiriu contornos mais concretos no seu plano de colonização da Libéria, baseado na construção de ferrovias, parque industrial, colégios, universidades, dentre outros incrementos infraestruturais que possibilitassem o desenvolvimento do país da África Ocidental, originado da colonização de ex-escravos estadunidenses a partir da segunda década do século XIX. A Libéria—no contexto de uma África partilhada e dominada pelas nações europeias—era reconhecida pelas grandes potências como Estado independente (2017, p.134)

5

Ou seja, a Libéria, sendo independente, era o país africano mais indicado para o retorno dos ex-escravos, pois não estava mais sob o comando de nenhum país europeu. Garvey apoiava a exaltação da cultura africana, da África, como a terra prometida e do orgulho racial. O continente africano era para ser visto como um espaço que pertencendo aos negros e sem a dominação colonial, a população negra da África e a que vivia em diásporas poderia viver uma experiência de enaltecimento de si mesmo e da terra que lhe pertence sem ter que conviver cotidianamente com o racismo.

A exaltação do povo negro vinha de várias formas, Garvey incentivava o empreendedorismo entre a população de cor para que estes investissem em negócios próprios. Em virtude disso, Garvey criou a *Negro Factories Corporation* que, segundo Domingues, “era um conglomerado comercial destinado a atuar nos grandes centros industriais dos Estados Unidos, América Central e África”(2017, p.134). Esse não era o único empreendimento de Garvey. Ele também criou a *Black Star Line*, uma companhia de transporte marítimo que tinha como finalidade o transporte de mercadorias e passageiros entre Caribe e África.

Entre 1923 e 1925, a Unia sofria dois duros golpes. Segundo Domingues (2017) a necessidade de reparar os barcos, bem como a má administração, fizeram com que a *Black Star Line* começasse a ter problemas financeiros seríssimos, contudo, mesmo diante dessa situação, Garvey decidiu comprar mais um barco e para isso iniciou uma campanha para vender ações da empresa e assim arrecadar fundos para adquirir o barco. Em 1925, Garvey foi condenado a 5 anos de prisão pelo “uso fraudulento dos correios” (p.136). Outro revés que a Unia sofre é que, a princípio, o governo da Libéria acenou positivamente para colonização do país por afroamericanos. Contudo, de acordo com Domingues (2017) em 1924 o governo da Libéria proibiu o desembarque de pessoas que tivessem vínculo com a Unia. Garvey cumpriu sua sentença em uma prisão em Atlanta até 1927 quando foi deportado. Após a deportação, ele continuou a difundir suas ideias pela Europa em 1928, contudo sem mobilizar multidões como no auge de seu ativismo. Garvey morreu na Inglaterra, em 1940.

W. E. B. Du Bois dirigia várias críticas a Marcus Garvey. Em um artigo de autoria do Du Bois, na *The Crisis Magazine* de dezembro de 1920, em relação a Unia e seu plano de colonização da África, ele escreve “(1) É um movimento honesto e sincero? (2) Os projetos de negócios industriais e comerciais são eficazes? (3) Seus objetivos gerais são plausíveis e capazes de serem executados?” (DU BOIS, 1920, p.60). O autor continua dizendo que Garvey é “ditatorial, dominador, [...] vaidoso e muito suspeito<sup>40</sup>” (idem, p.60). Embora nesse mesmo artigo Du Bois também afirme que Garvey é um líder extraordinário, com grande eloquência e

---

<sup>40</sup> Tradução minha de “*he is dictatorial, domineering, [...] vain and very suspicious.*”

capacidade de reunir muitos homens, o tom de crítica é o que prevalece, sobretudo a sua incredulidade de que os planos de Garvey fossem adiante.

Uma diferença importante entre Du Bois e os outros dois líderes negros são os anos de vida. Washington morreu em 1915 e Marcus Garvey em 1940, já Du Bois morreu em 1963, aos 95 anos. Essa longevidade e sobrevivência em relação aos outros dois permitiu a Du Bois uma certa vantagem sobre eles. Washington morreu no meio da Primeira Guerra Mundial, um evento que foi marcante e causou muitas mudanças. Segundo Rudwick (1959) “Depois da Primeira Guerra Mundial, um grande número de negros foi estimulado pelo orgulho racial e exigiu uma ‘emancipação espiritual’. Eles foram encorajados a procurar melhorias de suas próprias condições de vida e trabalhar para melhoria dos nativos no continente africano” (p,421)<sup>41</sup>, dessa forma, percebe-se que a Primeira Guerra Mundial ocasionou uma mudança de consciência na população negra, sobretudo no que diz respeito aos Estados Unidos, ao fato de lutarem lado a lado dos brancos na guerra e no retorno para casa, mesmo depois de arriscarem as suas vidas nas trincheiras, sua condição de vida na sociedade estadunidense não foi alterada. Dessa maneira, esse evento contribuiu imensamente para a reflexão sobre o lugar que os negros tinham na sociedade. Washington, em virtude de seu falecimento, não participou desse processo, do qual tanto Garvey quanto Du Bois participaram.

Marcus Garvey faleceu no segundo ano da Segunda Guerra Mundial, dessa forma não participou das mudanças e nem refletiu sobre o seu impacto sobre a população negra. Não só Du Bois sobreviveu a essas duas guerras como também, pela sua longevidade, pode amadurecer suas reflexões, e inclusive, mais para o fim de sua vida, reconheceu por exemplo que as ideias de Booker T. Washington tiveram grande valor para o desenvolvimento da população afroamericana. Du Bois muitas vezes é visto como o maior dos líderes afroamericanos desse período, contudo, devemos destacar que como seus dois principais opositores morreram antes dele, esse fato teve relevância no fato de Du Bois se estabelecer como a figura mais importante.

---

<sup>41</sup> Tradução minha de “*After World War I, large numbers of Negroes were stirred by race pride and demanded a ‘spiritual emancipation.’ They were encouraged to seek improvement of their own living conditions and work for the betterment of the natives on the African continent*”

É importante também ressaltar que esse reconhecimento sobre as ideias de Washington é muito relevante, já que, em outro momento, com sua defesa do “Talented Tenth”, a criação de uma elite que iria guiar os demais, o autor defendia, como mencionado antes, uma educação clássica que possibilitasse a população desenvolver uma forma de reflexão.

Quando analisamos esses três autores, percebemos que as experiências de cada um deles pesaram nas suas visões do que era melhor para a população negra. Washington foi escravo, sem direito algum, então viu na alfabetização e preparo técnico para o trabalho como uma forma de futura inserção do negro na sociedade. Garvey, sendo jamaicano, viveu a experiência de viver em uma colônia inglesa já que a Jamaica foi colônia entre 1655 e 1962, dessa forma ele refletia tendo pano de fundo essa experiência e então enaltecia a África e o orgulho racial. Como teve a possibilidade de empreender, focou nesse ponto como uma possibilidade de vivência e trabalho para a população de cor. Du Bois teve a oportunidade de estudar em três universidades diferentes, duas nos Estados Unidos e uma na Europa, dessa forma teve acesso a outros conhecimentos, mais clássicos, e outras vivências. Dessa forma, por mais que a educação seja um ponto óbvio que os intelectuais defendem, Du Bois extrapola esse ponto, no sentido que leva todo esse conhecimento a serviço do seu ativismo, tanto que vários autores, incluindo Aldon Morris, dizem que Du Bois fundamentou academicamente o caminho para a reivindicação dos Direitos Civis. Um dos pontos que o autor aponta é para o fato de que, contrário ao pensamento da época, ele nega o Darwinismo Social.

## The Souls of Sociology

O projeto de reconhecer W. E. B. Du Bois como um dos protagonistas e fundador da Sociologia Americana é um trabalho de cerca de três décadas, de acordo com Lawrence Bobo (2007). Em 1974, ainda segundo o autor, foi publicado *Heritage of Sociology Series*, e um dos volumes era o livro *Black Sociologists: Historical and Contemporary Perspectives*, contendo vários ensaios de autoria de Du Bois. A partir desse momento, em que estavam diante do trabalho do sociólogo americano, chegou-se à conclusão que sua obra foi muito negligenciada. Esse fato pode ter algumas razões e momentos diferentes. Uma delas, o fato de ele ser um sociólogo negro, que afirma no começo do século XX que não existia darwinismo social, que era o argumento aceito na época. Outro motivo poderia ser o fato de, ao longo dos anos 50, o autor ter se aproximado do comunismo, fazendo várias viagens a China e União Soviética e conheceu, inclusive, Nikita Krushev, em 1959, mesmo ano em que ganhou o Prêmio Lênin<sup>42</sup>.

Quando falamos de clássicos da Sociologia, que a academia considera hoje como os fundadores, podemos perceber que alguns desses textos clássicos são trabalhos de filosofia, já que essa era uma formação muito comum no século XIX, que foi quando surgiu a Sociologia como disciplina. Neste contexto, o primeiro trabalho de grande importância de Du Bois foi *The Philadelphia Negro*, publicado em 1899 pela *University of Pennsylvania Press*. Esse trabalho foi um dos primeiros nos EUA em que continha etnografia urbana, estatística descritiva e História Social. No capítulo um, Du Bois descreve seu objetivo de estudo e seu método. O estudo foi encomendado pela Universidade da Filadélfia e tinha como objetivo saber como eram as condições de vida de 40.000 cidadãos da comunidade negra que viviam na cidade da Filadélfia. Du Bois afirma que foi feita ao longo de 15 meses e que “procurou determinar a distribuição geográfica dessa raça, suas ocupações, seu

---

<sup>42</sup> Maior prêmio civil da URSS Foi criado em 1930 pelo Comitê Executivo Central da União Soviética e concedido a indivíduos, coletivos, instituições ou organizações por realizações notáveis em pesquisa, arte, tecnologia ou economia ou pela solução de tarefas vitais para o estado. Fonte: <https://www.britannica.com/topic/Order-of-Lenin> Acesso: 15/03/2020

cotidiano, suas casas, suas organizações, e, sobretudo, sua relação com os milhões de cidadãos brancos”<sup>43</sup> (DU BOIS, 1996, p.1) . O autor ainda diz que o com o fim do trabalho as pessoas terão um guia com informações suficientes para que seja possível elaborar soluções para os muitos negros da Filadélfia.

Em relação ao seu método, Du Bois afirma que começou a investigar as casas da população negra, indo a centros historicamente ocupados por essa população e a partir desse ponto foi possível para o autor começar a observar as condições de vida nesses distritos e procurar por outros. O autor usou, segundo ele, formulários com perguntas diferentes de acordo com a situação. Um era direcionado à família, e nele havia perguntas sobre o número de membros da família, idade, sexo, estado civil, lugar de nascimento, suas habilidades de escrever e ler, ganhos, ocupações; outro formulário era voltado para a casa e envolvia o valor do aluguel, um formulário para a ruas e com esse mapeava becos e ruas; um formulário para organizações; havia um formulário para individual para quem vivia no local onde trabalhava.

Além desses formulários de perguntas, foi feito um survey geral para cruzar com as informações previamente recebidas, com o intuito de detectar distribuição dessas pessoas, organizações, propriedade, pobreza e atividade política, de acordo com Du Bois (1996). Quando o Du Bois fala da credibilidade e de seus resultados o autor justifica que o uso desses diferentes métodos, como estatística, história e etnografia tem por objetivos que os métodos supram as desvantagens uns dos outros. Este livro tem importância muito grande e influência no trabalho de Du Bois pouco tempo depois em *The Soul of Black Folks*

### 3.1 The Souls of Black Folks

No livro *As Almas do Povo Negro*, Du Bois propõe que a emancipação do povo negro decorreria da educação e da cultura. Para o autor é, imprescindível que a comunidade negra se una, que os “mais capazes” ajudem seus irmãos a atingirem o nível de excelência necessário a uma consciência individual, para lutarem por

---

<sup>43</sup> Tradução minha para “*sought to ascertain something of the geographical distributions of this race, their occupations and daily life, their homes, their organizations all, their relation to their million white fellow-citizens.*”

seus direitos perante às injustiças impostas pela linha de cor. Ou seja, o autor inclui também nesta obra o seu conceito de *Talented tenth*, a décima parte talentosa que guia os outros e com isso vemos a continuidade das obras do autor.

A análise geográfica realizada pelo autor demonstra a segregação racial no espaço, apontando o aspecto tangível da linha de cor, afirmando que “via de regra, é possível traçar em cada comunidade sulista uma linha física de cor em seu mapa. Em um lado, habitam os brancos e no outro os negros.” (DU BOIS, 1998, p.157). A partir da linha de cor, tem-se as características fundamentais de uma área negra, “onde se alinham, dos dois lados, um grande número de feias cabanas de uma só peça – sem graça e sujas. Aqui reside o problema negro em sua nua sujeira e penúria. Aqui não existem cercas.” (Idem, p.126). Sua análise geográfica provavelmente foi inspirada pelo seu trabalho prévio realizado da cidade da Filadélfia e partindo dessa análise geográfica o autor ‘enxerga’ a linha de cor, que separa brancos e negros. Em análise comparativa dos dois lados da linha, é possível perceber a diferença de vida e dos espaços entre brancos e negros.

Du Bois escolhe o estado da Geórgia para fazer o estudo sobre a ocupação geográfica da população de cor devido à singularidade da configuração deste território, descrito como “ponto de convergência geográfico” da população negra e, “em muitos outros aspectos, tanto agora como ontem, o problema negro parece haver-se centralizado neste estado. Nenhum outro dos estados da União pode contar um milhão de negros entre os seus cidadãos” (DU BOIS, 1998, p.120). O autor ressalta que a população negra da Geórgia “se iguala ao número total de escravos na União em 1800.” (Idem, p.120).

Nesta obra, o autor defende a existência de uma identidade cultural e uma história negra que, apesar dos mais de dois séculos de violência, não haviam se perdido por completo: “a história social do negro não se iniciou na América. Ele foi trazido de um ambiente social definido” (Idem, p.175).

### **3.1.1 Religiosidade nas comunidades negras**

Du Bois apresenta a “igreja dos negros”, em sua forma original, como sendo o candomblé. Contudo, o autor afirma que com o “convívio com os senhores, o trabalho dos missionários e motivos de conveniência deram a esses ritos uma primeira camada de cristianismo, e após um lapso de algumas gerações a igreja dos negros tornou-se cristã.” (Du Bois, 1998, p.176). Destacando a adaptação sofrida

pela religiosidade africana em contato com o cristianismo, Du Bois indica a mudança com o ‘surgimento do Senhor’, que mudou a face da morte, que se tornou, então, algo a ser ansiado.” (Idem, p.178); diante de toda a angústia do mundo material, o religioso assumia uma posição esperançosa, mas fatalista de que ao fim da vida haveria paz e felicidade eternas. Sobre a cristianização dos negros, o autor afirma:

Em torno à metade do século dezoito, o escravo havia descido ao mais baixo nível - com resignados murmúrios -- ao seu lugar no fundo do novo sistema econômico, e estava inconscientemente maduro para uma nova filosofia de vida. Nada se adequava melhor à sua condição do que as doutrinas de submissão passiva, parte do cristianismo recém adquirido. Os senhores de escravos logo compreenderam isto e alegremente apoiaram a propaganda religiosa, dentro de certos limites. O longo sistema de repressão e degradação do negro tendia a dar relevo a elementos em sua personalidade que o tornavam um escravo valioso: cortesia se transformou em humildade, empenho moral se degenerou em submissão, e a peculiar tendência natural de apreciar o belo tornou-se numa infinita capacidade para sofrer resignadamente. (Idem, 177).

Ou seja, a cristianização da igreja negra tem alguns defeitos. Um primeiro que é típico do comportamento cristão que é a promessa de uma vida melhor após a morte, que leva a uma esperança de dias melhores ao mesmo tempo que proporciona uma resignação por parte dos indivíduos, pois tem um Senhor olhando por eles, seus sofrimentos e penas, o que lhes levará para uma vida dádivas depois da morte.

Tendo sido a mais forte sobrevivente da marcha civilizatória, a igreja negra, apesar de transformada, é interpretada pelo autor como o núcleo da comunidade negra e a “mais característica expressão da personalidade africana.” (Idem, p.173), onde se pode ver “reproduzido num microcosmo, todo este maravilhoso mundo do qual o negro é posto à margem pelo preconceito de cor e por sua condição social.” (Idem, p.174). Apesar das contribuições de Du Bois, demonstrando a importância para a organização social da igreja, Robert Park negava a ligação entre religiosidade e esforços políticos, ignorando lideranças como Nat Turner e Denmark Vesey e a história do clérigo negro Alexander Crummell, narrada por Du Bois no livro de 1903.

### 3.1.2 Música negra como principal expressão cultural negra

“A religião dos escravos pode ser caracterizada em três pontos: o Pregador, a Música e o Frenesi.” (DU BOIS, 1998, p.172). Um desses pontos tem a vantagem de não necessitar de um ambiente específico ou mesmo da reunião com os demais membros da comunidade: a música pode ser entoada em qualquer lugar, a qualquer hora. Fosse em júbilo, protesto ou clamor a Deus, a música se fazia presente no cotidiano do povo negro escravizado no Sul dos Estados Unidos. Mesmo que o escravo se encontrasse isolado, sob castigo físico ou em fuga, ele podia cantar, baixinho, para si mesmo, e seu coração receberia algum conforto.

Por essa razão, as “canções de sofrimento” representam “um eco fantasmagórico dessas sofridas canções de antanho, nas quais a alma dos negros escravizados se dirigiram aos homens.” (p.215). E é por sua capacidade de comunicar que a música em geral, e as canções de sofrimento em particular, simbolizam o “[p]ouco de beleza [que] a América deu ao mundo”. Continua Du Bois:

exceto a grandiosidade rude que Deus, ele mesmo, cunhou em seu seio; o espírito humano, neste novo mundo, expressou-se mais em vigor e engenhosidade do que em beleza. E assim, por sorte, a canção folclórica negra – lamúria ritmada dos escravos – mostra-se hoje não apenas como a única música americana, mas também como a mais bela expressão da experiência humana, surgida deste lado do oceano. Ela tem sido negligenciada, e tem sido, e é, de alguma forma, menosprezada, mas, acima de tudo, tem sido persistentemente mal interpretada e mal-entendida; mas, não obstante, ainda permanece como a singular herança da Nação e a maior dádiva do povo negro (Idem, p.216).

Essas canções, por certo, narram o cotidiano de um povo escravizado e suas formas de resistir e persistir diante da violência. Por essa razão, “[c]anções de amor são raras e dividem-se em duas categorias: as frívolas e banais, e as tristes. A respeito de amor profundo e bem-sucedido existe um portentoso silêncio” (Idem, p.223). Apesar disso, o autor reitera que

Transpassando todo o padecimento que se contém nas Canções de Sofrimento existem espasmos de esperança -- uma fé na justiça derradeira das coisas. As cadências suaves de desespero mudam, geralmente, para acordes de triunfo e serena confiança. Às vezes, é a fé na vida, noutras, é a fé na morte, algumas vezes é a

segurança de uma justiça sem fronteiras num mundo justo lá adiante. Mas seja como for o significado é sempre claro que um dia, nalgum lugar, o homem julgará seu semelhante pela sua alma e não pela cor de sua pele. (Idem, p.225).

Para Du Bois a comunidade negra pode contribuir para a cultura dos Estados Unidos. O autor espera que um dia as duas raças da América possam dar à outra aquilo que lhes faltam e completa, dizendo que a verdadeira música estadunidense é a música negra e que tanto as lendas, quanto o folclore vem dos índios e dos africanos. Termina dizendo que “nós, os negros, parecemos ser o único oásis de fé singela e reverência num deserto empoeirado por dólares e esperteza”<sup>44</sup> (Idem, p.45).

### 3.1.3 Cotidiano e oportunidades

Du Bois reflete sobre as oportunidades que a população de cor tem para progredir. Em um primeiro momento, o autor afirma que os sulistas têm visões diferentes sobre os negros. Alguns ignorantes, diz ele, odeiam os negros. Os trabalhadores brancos temem a concorrência e alguns instruídos temem uma ascensão social por parte dessa comunidade, mas alguns querem ajudá-los. O autor afirma que tanto os empresários, quanto os que temem a ascensão dos negros tentam mutilar os direitos de cidadania, enquanto o ignorante o tratava com maus-tratos e linchamentos.

Dessa maneira temos duas formas de ação, uma baseada no ódio racial e outra por razões econômicas. Como forma de ação contra esses procedimentos, Du Bois aconselha que não se deve indiscriminadamente agir contra o Sul, mas sim criticar o governo estadunidense. O autor diz que o Sul precisar ser honestamente criticado para que pare de ser injusto e cruel com os negros, assim como o Norte, que apesar de oferecer algumas outras oportunidades a população de cor, não é tão melhor assim que o Sul. Dessa forma, Du Bois faz aqui uma afirmação muito importante e diz que só é possível resolver esse problema através da política.

---

<sup>44</sup> Tradução de “*we black men seem the sole oasis of simple faith and reverence in a dusty desert of dollars and smartness.*”(DU BOIS, 2007, p.14)

### 3.2 As Almas do Povo Negro: dupla consciência, véu e linha de cor.

Quando se lê *The Soul of Black Folks* [As Almas do Povo Negros] é possível perceber que Du Bois se concentra em mostrar como se forma a subjetividade do povo negro. Se considerarmos o *The Philadelphia Negro* como ponto de partida, é possível perceber uma continuidade de pensamento, como se o autor aprofundasse sua reflexão para além do estudo feito na Filadélfia, levando em conta inclusive memórias sobre sua vida, em vários momentos colocando o texto em primeira pessoa. A grande diferença entre as duas obras seria o estilo. No estudo da Filadélfia, Du Bois usa técnicas de pesquisa como etnografia, estatística, e resulta em um texto sociológico, estruturado como tal, com relatórios de pesquisa. Já as Almas do Povo Negro tem uma estrutura mais fluida, um pouco alegórica, filosófica, mas que também possui conceitos sociológicos e, neste livro, Du Bois aborda três conceitos que são muito importantes ao longo de sua vida: *double consciousness*, *color line*, *veil* [dupla consciência, linha de cor, véu].

No primeiro e segundo capítulos, Du Bois já apresenta os conceitos citados acima e faz uma de suas afirmações mais famosas que “a questão do século XX é o problema da linha de cor – a relação entre as raças de homens mais escuros e os mais claros na Ásia, América e nas ilhas dos mares” (Idem, 47). O autor começa com uma questão: “Como é se sentir um problema?”. Ele afirma que os negros têm essa sensação de ser um problema e em seu caso isso já começa na infância. Como mencionado antes, Du Bois diz que em sua infância não sentia o preconceito de forma tão forte, contudo, nessa obra, o autor descreve um momento em que ele teve contato na escola com uma menina que acabara de se mudar e era um momento de troca de cartões na escola e ela se recusou a receber o cartão dele. O autor afirma que nesse instante percebeu imediatamente que era diferente e que estava separado do mundo por um imenso véu. O significado do véu é bem simbólico, pois o véu é um espaço em que permite que o negro tome a consciência de si e do espaço que ocupa, percebendo a opressão que sofre dentro da sociedade. O autor afirma que, a partir daquele momento, não viu necessidade de tirar esse véu, pois o negro é capaz de enxergar a vida tanto com ele como sem ele. O negro teria essa segunda visão. Du Bois (2007) diz

*I had thereafter no desire to tear down that veil, to creep through; I held all beyond it in common contempt, and lived above it in a region of blue sky and great wandering shadows. That sky was bluest when I could beat my mates at examination time, or beat them at a foot-race, or even beat their stringy heads. Alas, with the years all this fine contempt began to fade; for the worlds I longed for, and all their dazzling opportunities, were theirs, not mine.* (p.8) [Eu não tinha depois disso nenhum desejo de derrubar esse véu, rastejar através; eu mantive tudo acima disso em desprezo comum, e vivia acima dele em uma região de céu azul e grandes sombras errantes. Aquele céu estava mais azul quando eu podia derrotar meus companheiros no momento do exame, ou vencê-los em uma corrida a pé, ou mesmo bater em suas cabeças duras. Infelizmente, com o passar dos anos, todo esse belo desprezo começou a desaparecer; para omundos que eu ansiava, e todas as suas oportunidades deslumbrantes, eram deles, não é meu]<sup>45</sup>

Nesse trecho podemos perceber como Du Bois começa a lidar com esse sentimento de não fazer parte do meio em que vivia e lida com isso com uma forma de valorização dele mesmo quando fala que vivendo com o véu, ou seja, tendo consciência do seu espaço e opressão que sofria sem o reconhecimento dessa consciência pelo branco, ainda era possível ele derrotar seus companheiros em exames e em corridas. A maneira como ele encara essa situação, por meio da sua valorização, vai aparecer em outros momentos de sua carreira, assim como a sua percepção da falta de oportunidades para a população de cor como ele deixa claro neste mesmo trecho.

Arelado aos outros conceitos, o autor cita e explica a dupla consciência e diz

*After the Egyptian and Indian, the Greek and Roman, the Teuton and Mongolian, the Negro is a sort of seventh son, born with a veil, and gifted with second-sight\* in this American world,—a world which yields him no true self-consciousness, but only lets him see himself through the revelation of the other world. It is a peculiar sensation, this double-consciousness, this sense of always looking at one's self through the eyes of others, of measuring one's soul by the tape of a world that looks on in amused contempt and pity. One ever feels his two-ness,—an American, a Negro; two souls, two thoughts, two unreconciled strivings; two warring ideals in one dark body, whose dogged strength alone keeps it from being torn asunder.* (Idem, p.8) [Depois dos egípcios e indianos, os gregos e romanos, os teutões e mongol, o negro é uma espécie de sétimo filho<sup>46</sup>, nascido com um véu, e dotado de segunda visão neste mundo americano, — um mundo o que não lhe confere verdadeira autoconsciência,

<sup>45</sup> Tradução minha

<sup>46</sup> “A crença de que as crianças falecidas possuem dotes paranormais é popular nos EUA. Na tradição de medicina popular dentre muitos povos europeus, o sétimo filho ou filhas podem ser considerados como possuidores de poderes paranormais, especialmente de cura. O mesmo se aplica a gêmeos” (DU BOIS, 1998, p.39)

mas apenas o deixa ver através da revelação do outro mundo. É uma peculiar sensação, essa dupla consciência, esse sentimento de sempre olhar a si mesmo através dos olhos dos outros, de medir a alma pela fita de um mundo que olha com divertido desprezo e piedade. Um sempre sente o seu duplo, um americano, um negro; duas almas, dois pensamentos, duas tentativas não reconciliadas; dois ideais em guerra em um corpo escuro, cuja força obstinada por si só evita que ela seja despedaçada]

Nessa passagem, o autor explica a situação psicológica do negro no que consiste na formação de duas consciências. Sua posição na sociedade como cidadão de segunda categoria, que não tem muitas oportunidades e que tem dentro de si dois *selves* que não conseguem conviver ao mesmo tempo. Essa impossibilidade de convivência com suas duas almas impede a construção da consciência única, mas na mesma medida o véu lhe possibilita dois tipos de visões.

Quando Du Bois fala da menina que não aceitou o seu cartão e com isso ele percebeu que era diferente e nesse momento queria provar que podia ser melhor que todos eles, podemos perceber que de certa forma ele queria o reconhecimento, no sentido que queria mostrar o seu valor, provar pros outros e ter esse reconhecimento de que podia ser melhor. Mas, ele não recebia esse reconhecimento e é isso que faz com que sua alma se divida em duas.

Essa questão da consciência ser formada através de uma relação de dependência do outro, em que a consciência só é realmente formada pelo reconhecimento do outro não é uma criação do Du Bois. Nessa questão podemos perceber traços da filosofia alemã, especificamente Hegel, que em “Independência e dependência da consciência-de-si: dominação e escravidão” presente na *Fenomenologia do Espírito*, diz que “A consciência-de-si é em si e para si quando e porque é em si e para si para uma Outra; quer dizer, só é como algo reconhecido” (HEGEL, 1992, p.126). Dessa forma a consciência só é consciência pois é reconhecida por outra, esse reconhecimento é fundamental e determinante. Com isso, partindo da dupla consciência, quem não tem o véu, não é capaz de criar ou entender a consciência dentro da opressão, então na medida em que não pode ter e compreender a consciência dentro do véu, o outro não consegue reconhecê-la.

Como podemos perceber, os conceito de Du Bois estão entrelaçados e relacionados. Temos uma linha de cor, que seria a relação entre brancos e negros, em que os negros sofrem e sentem a opressão; o véu que é uma barreira psicológica que divide a consciência dos negros em duas, uma que vê o mundo através da sua

experiência de opressão e outra que vê o mundo sem essa experiência; e a dupla consciência que é formada a partir da experiência do véu, que cria no indivíduo duas consciências que não podem conviver.

### 3.3 Reconhecimento, a política e a sociologia pública

Du Bois foi uma figura muito inovadora para sua época e muito importante para a comunidade negra. O autor se debruçou sobre a questão dos problemas que os negros enfrentavam tentando entender como o aspecto social os afetava psicologicamente e materialmente, assim como tentava propor maneiras de resolver esses problemas. Inovava por não tratar o negro como o problema, e sim a sociedade em que viviam e suas formas de interação com a comunidade branca sob o ponto de vista da política e do trabalho.

Du Bois teve um papel importante no que diz respeito a utilizar todo o seu conhecimento acadêmico para auxiliar e dar embasamento para a luta no campo da política da comunidade negra. É possível afirmar que ele foi um dos pioneiros que conhecemos como sociologia pública, que “é a sociologia que traz para uma conversação com públicos; entendidos como pessoas que estão, elas próprias, envolvidas na conversação” (BURAWOY, 2006, p.14). Burawoy, dentre outras obras que comenta, cita *As almas do povo negro* como um dos primeiros livros de sociologia pública. Esses livros são caracterizados como aqueles que foram escritos por sociólogos, mas foram lidos e discutidos também fora da academia. O autor chama esse gênero de sociologia pública tradicional.

Na sociologia pública tradicional os públicos a quem se dirigem são geralmente invisíveis, pois eles não podem ser vistos; pequenos, pois não geram muita interação interna; passivos, pois não constituem um movimento ou organização; e são usualmente típicos – convencionais. A sociologia pública tradicional instiga debates nos e entre públicos, embora ela não participe realmente desses debates (Idem, p.14)

A comunidade negra não se encaixa em todas essas características. É possível considerar a comunidade negra como invisível, no sentido de que, sendo oprimida pelos brancos dentro da sociedade, fica pouco visível. Em relação a serem pequenos e mesmo passivos também não é possível ser tão assertivo, pois se uma parte da comunidade é em uma medida passiva por falta de conhecimento ou oportunidades, há uma outra parte que se organiza e se movimenta inclusive em torno da imprensa

negra para denunciar as condições de vida das pessoas de cor, assim como para organizar congressos, como os congressos pan-africanos.

A leitura de *As Almas do Povo Negro* é mais leve do que a do *The Philadelphia Negro*, que é um livro mais difícil e em cuja pesquisa foram usadas três técnicas. Naquele primeiro, a leitura é bem mais leve, então, é justificável que esse livro tenha tido um alcance maior. Como Du Bois tinha uma preocupação grande com o *Talented Tenth*, podemos afirmar que esse livro teve uma função de instigar o debate sobre as condições da população de cor na sociedade americana assim como marcar seus traços culturais, seu cotidiano, seus sentimentos, seus pensamentos, tendo como o objetivo, além de todos os já citados, o de causar uma identificação com o leitor.

O fato de W. E. B. Du Bois estar presente na lista dos intelectuais que inauguram a sociologia pública está relacionado com a forma como se comportava enquanto intelectual. Edward Said (2005) afirma que Gramsci, em *Cadernos do Cárcere*, foi um dos primeiros a olhar os intelectuais e não as classes sociais, e que aqueles são essenciais para o funcionamento da sociedade moderna, até porque não houve nenhuma revolução sem intelectuais na história moderna, assim como o oposto também não acontece, um movimento contrarrevolucionário sem intelectuais. Said (2005) diz que, no desempenho público, o intelectual não pode ser moldado por um dogma rígido, linha partidária ou mesmo um slogan. Du Bois se comporta dessa maneira em muitos momentos dentro da NAACP. Mesmo fazendo parte do grupo, não se intimida para concordar com o discurso

geral e por isso tem várias discordâncias com os membros do conselho da NAACP.

Paul Gilroy, em *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*, afirma que esse foi um gênero modernista criado por Du Bois, dizendo que é uma “escrita reconhecidamente sociológica com a história pessoal e pública, ficção, autobiografia, etnografia e poesia” (2012, p.229). Esse fato que Gilroy aponta em relação a Du Bois é uma característica que está presente em vários de seus livros, e não apenas em *As Almas do Povo Negro*

## Du Bois, dupla-consciência e *The Crisis*

Um elemento que Du Bois leva em consideração na sua narrativa de *The Souls of Black Folks* é o quanto o período de escravidão é fundamental para entender a subjetividade da população afro-americana. Com a emancipação, a população “ganhou” a cidadania e com isso se viu fazendo parte da população americana, contudo, não teve o reconhecimento da mesma em relação a sua identidade. Na criação de uma identidade intersubjetiva, o reconhecimento do outro é fundamental. Há outros trabalhos sobre a formação da identidade e do *self*, mas Du Bois traz uma inovação que é a do olhar racializado, isso em um período que o imperialismo avançava sobre África e Ásia.

Com a dupla-consciência, esse espírito dividido entre dois *selves*, o ser negro e o ser americano, que em um primeiro momento parece impossível de conviver um com o outro, vários intelectuais acionam planos diferentes no que diz respeito ao lugar que o afroamericano tem que ocupar. Marcus Garvey, líder negro jamaicano, tinha como proposta um retorno ao continente africano. Booker T. Washington acreditava que, com trabalho, tentando se enquadrar e assimilar os valores dos brancos, em algum momento os negros seriam aceitos, mas antes deveriam mostrar o seu valor.

Du Bois vai na contramão dos dois últimos mencionados. Ao longo de sua carreira, seu ativismo caminhou lado a lado com a sua vida acadêmica, e a partir do conceito de dupla consciência podemos ver como o autor constrói uma narrativa para a valorização da parte negra da alma dividida. Essa narrativa está presente, por exemplo, nos *post scripta* da *The Crisis* de 1934, o último ano em que Du Bois ficou à frente da revista, inclusive nas várias vezes que o autor defende a segregação.

Um dos principais motivos para Du Bois deixar a NAACP foi a diferença de ideias que esse tinha com os dirigentes da instituição. Uma diferença principal

que surgiu foi que no *post scriptum* da *The Crisis* o editor passou a apoiar a auto segregação voluntária. Du Bois, ao longo do ano de 1934, escreve muito sobre a segregação e diz que essa não é um grande problema, mas sim o racismo, o preconceito e falta de igualdade que vem acompanhado por ela, a falta de verbas para escolas e hospitais de pessoas de cor.

Se os negros se oporem a se associar uns com os outros, isso concede argumentos aos brancos para não se associarem com eles, já que nem eles querem se associar entre si. O editor afirma a auto segregação voluntária seria uma oportunidade para desenvolver uma rede de colaboração entre a população de cor. Du Bois ainda afirma no *post scriptum* de janeiro de 1934 que não se deve esperar pelo *millenium* da liberdade ou a integração normal para que a população de cor se associe e cooperem entre si, pessoas que possuem a mesma desvantagem. Nessa linha, o autor afirma que consciência racial negra deve partir da cooperação entre si em suas próprias instituições, e isso resultará eventualmente na emancipação da raça de cor e dar um grande passo a frente para os afro-americanos alcançarem sua emancipação econômica.

Como se pode observar essa é uma saída com um posicionamento político, que está partindo da necessidade de olhar para um dos *selves* presentes no afro-americano, e essa saída se dá a partir da “escolha” de desenvolver um deles, nesse caso, o lado negro em detrimento do lado americano, que estaria ligado à integração dentro de instituições e redes de colaboração brancas. Isso levaria ao desenvolvimento das instituições da população negra e a uma possível integração não do indivíduo, mas do grupo consolidado, forte, e formados por indivíduos inteiros e não pela metade.

Nos *post scripta* da *The crisis*, Du Bois opina sobre diversos assuntos, contudo, sempre com olhar para a questão racial. E ao longo de 1934, como já foi dito, escreve muito sobre segregação e sobre auto-organização. É importante salientar que esse espaço que o autor possuía na revista para suas opiniões era um espaço individual, no sentido de que em várias ocasiões percebemos que o autor opina sobre determinados assuntos em discordância com a NAACP. Essa situação ficou mais séria ao longo dos anos e a sua relação com o conselho da revista se tornou cada vez mais difícil e desgastado.

O *post scriptum* de março de 1934 se divide em 4 títulos: “*Subsistence Homeasted Colonies*” [Colônias de Domicílio de Subsistência]<sup>47</sup>, “*Separation and Self-Respect*” [Separação e autorrespeito]<sup>48</sup>, “*History of Segregation Philosophy*” [História da Filosofia da Segregação]<sup>49</sup> e “*The Cripples*”. No texto sobre as Colônias de Domicílio, o autor fala sobre trabalho, as relações entre trabalhador e empregador, assim como o salário. Em sua interpretação sobre a relação entre trabalhador e empregador, quando se sentam para negociar, o poder fica com o empregador, tornando a negociação desigual, já que de uma lado tem o que necessita do salário para sobreviver e do outro o que decide se dará o emprego ou não. Dessa maneira, de acordo com o autor, o trabalhador não tem muita voz no que diz respeito ao salário, é obrigado a aceitar o que for proposto, já que a alternativa seria ficar sem nenhum.

Outra afirmação feita pelo autor é o fato de que o lucro do empregador depende do quanto ele pode economizar dos salários dos trabalhadores, e dessa forma os pagam apenas o necessário para suprir as necessidades mínimas dos trabalhadores e os manter vivos. Essa ideia tem uma clara influência marxista e, como já foi dito, se no começo de sua trajetória acadêmica Du Bois tinha uma relação mais próxima aos liberais do norte dos EUA, esse posicionamento mudou ao longo de sua vida.

Para resolver a situação da desigualdade de poder entre as partes, assim como os baixíssimos salários, surgiram algumas ideias, de acordo com Du Bois. Uma dessas são leis para garantir um salário mínimo, outra ideia seria distribuição de capital entre os trabalhadores, assim como outras ideias de viés socialista e comunista. Contudo, o autor diz que uma possibilidade viável para resolver essa situação de salário seria que o trabalhador tivesse um abrigo assim uma renda suficiente para se manter, mesmo que não estivesse trabalhando. E a forma para que isso fosse alcançado seriam pequenas casas, com uma certa quantidade de terra que possibilitasse ao trabalhador e sua família cultivar sua própria comida.

---

<sup>47</sup> Tradução minha

<sup>48</sup> Tradução minha

<sup>49</sup> Tradução minha

O autor afirma que esse é um ótimo projeto, contudo, a constituição dessas colônias traz o problema do negro, já que o autor questiona quem seria selecionado. O autor afirma que particularmente nos estados do sul dos EUA os negros não seriam selecionados, e que seria ótimo se a cor da pele não interferisse, mas que é impossível isso acontecer nos EUA. Não seria possível que os negros fossem selecionados em termos iguais, pois no Sul a população negra é privada de seus direitos e seria necessário ter instituições separadas como escolas e igrejas. Na opinião do autor, como não teriam como competir, seria contraproducente que a população negra não pedisse colônias de domicílio de subsistência para si. Dessa forma, poderiam escolher as características de quem moraria lá e partindo desse ponto fazer dessa colônia um grande sucesso e prosperar com ela. Assim poderia fazer mais pela ruptura da linha de cor do que se antes de aceitar uma colônia para si fizesse uma denúncia de preconceito racial.

No segundo título “Separação e Auto respeito” como já diz o nome, o autor vai falar sobre a separação e começa seu texto dizendo que a separação compulsória de seres humanos é essencialmente feita por critérios artificiais como língua, nacionalidades, raça, nascimentos, entre outros. Contudo, quando esse tipo de separação acontece devido à raça, independente do porquê é estabelecida, se por costume ou lei, a única defesa possível seria auto respeito, auto defesa e auto-organização.

Du Bois afirma que, quando o filho de um homem negro da Carolina do Sul vai à escola, se ele tiver coragem ou interesse vai querer saber se a escola é boa o suficiente, se tem bons professores, se o ambiente é bom e mesmo pedir para participar ou ser ouvido em relação ao currículo ou as finanças da escola. Ao contrário do que vive no sul dos EUA, um negro que mora em Boston, tem o direito de se opor por uma escola segregada, contudo o autor diz que mesmo apoiando uma escola que não é segregada, ele não deve enviar seu próprio filho para uma escola onde ele será maltratado pelos colegas e deixado de lado pelos professores. Du Bois ainda aponta que o que mora em Boston não pode utilizar as escolas do sul para seus filhos, assim como também não pode sugerir que o do Sul se mude para o Norte, já que a população de cor sofre vários abusos dentro da escola no norte. E no fim o autor aconselha que segregação seja feita pela NAACP, por exemplo. Mas

que não utilizem filhos como objeto de punição para brancos, pois as crianças serão as únicas punidas. O autor continua

*Let us not affront our own self-respect by accepting a proffered equality which is not equality, or submitting to discrimination simply because it does not involve actual and open segregation; and above all, let us not sit down and do nothing for self-defense and self-organization just because we are too stupid or too distrustful of ourselves to take vigorous and decisive action.* [Não afrontemos nosso autorrespeito, aceitando uma igualdade proferida que não é igualdade ou nos submeter à discriminação simplesmente porque não envolve segregação real e aberta; e, acima de tudo, não vamos nos sentar e não fazer nada para autodefesa e auto-organização, apenas porque somos muito estúpidos ou desconfiados de nós mesmos para tomar ações vigorosas e decisivas] (Março, 1934, p.85)<sup>50</sup>

No título “*History of Segregation Philosophy*” o autor fala da origem do processo de segregação e afirma que no início do processo, quando a população negra foi levada aos EUA eles eram classificados como trabalhadores. Du Bois continua dizendo que nesse primeiro momento não houve segregação. O autor afirma que a distinção começou quando os trabalhadores europeus receberam contrato de trabalho por um período de anos e a população vinda da África e da Ásia não recebia. Contudo, depois de um determinado tempo, tanto os europeus, como os africanos e asiáticos ficavam presos a essa situação por muito tempo, mas logo surgiu a distinção daqueles que eram servos por alguns anos e dos que eram para a vida toda. Mas, no fim, a escravidão teve o recorte racial e a maior parte dos servos para a vida toda eram negros.

Entretanto, o autor afirma que nesse mesmo período havia uma classe de negros livres que foram forçados a se organizar, pois começaram a sofrer preconceito por parte dos brancos. Com receio de serem associados à escravidão, essa classe de negros livres formaram organizações e instituições, como igrejas e escolas, e tinham o receio de serem associados aos escravos. O autor continua e diz “*The higher they rose and and the more definite and effective their organization, the more they protested against being called Negroes or classed with Negroes, because Negroes were slaves.*” [Quanto mais se elevavam e quanto mais definidas

---

<sup>50</sup> Autoria do W. E. B. Du Bois, *Post script, The Crisis Magazine*.

e eficazes suas organizações, mais protestavam contra serem chamados de negros ou classificados com negros, porque os negros eram escravos<sup>51</sup>.] (Março, 1934, p.86)

O interessante dessa afirmação é que o que associava os negros livres aos escravos era uma questão de fenótipo, a pele negra. A maneira como eles lidam com essa situação é se desenvolver como grupo e dentro do grupo. Essa, inclusive é uma das soluções que W. E. B. Du Bois tem para a segregação. A diferença é que esses queriam se distanciar dos negros escravizados. No caso do Du Bois, era uma maneira de firmar enquanto negros, sendo um grupo bem sucedido.

Outro ponto que vale ressaltar é que essa tentativa de distanciamento dos negros escravizados também é uma tentativa de fortalecer uma identidade que depende do reconhecimento dos brancos, a identidade dividida, pois de uma lado tem em grupo que não os reconhece e, do outro, um grupo que se assemelha a eles, mas que eles não querem fazer parte e dessa forma fazem tudo para se distanciar.

De acordo com o autor, em 1787 começou um movimento para lutar por reconhecimento e um tratamento social. Dois de seus líderes, Richard Allen and Absalom Jones, auxiliaram no combate a uma epidemia e receberam agradecimentos do prefeito da cidade e foram mais bem recebidos nela. Eles frequentavam a *St. George Methodist Church*. Com o passar do tempo, aumentou o número de negros cristãos nessa igreja, e em virtude disso passaram a segregar. Os mesmo líderes que auxiliaram a cidade não puderam mais assistir ao culto sem ser da galeria destinada para a população de cor. Du Bois diz “*The excluded Negroes found themselves ins a dilemma. They could do one of two things: They could ask to be admitted as a segregated group in some white organization; or they could do their own organization.*” [Os negros excluídos se viram em um dilema. Eles poderiam fazer uma de duas coisas: Eles poderiam pedir para serem admitidos como um grupo segregado em alguma organização branca; ou eles poderiam fazer sua própria organização] (Março, 1934, p.86). Mais uma vez vemos, o autor analisando a situação como tentar integrar uma comunidade branca ou criar sua própria. O autor afirma que para lidar com a situação da segregação, Richard Allen formou a *African Methodist Episcopal Church* com mais de 750 mil membros. Du

---

<sup>51</sup> Tradução minha

Bois termina o texto afirmando que a segregação é compulsória e que a alternativa que resta é auto-organização sendo essa a verdade tanto em 1787 quanto em 1934.

O último título é *The Cripples* fala sobre a arrecadação de dinheiro para caridade em comemoração ao aniversário do presidente Franklin Delano Roosevelt. O dinheiro arrecadado iria para uma fundação com o objetivo de cuidar de crianças com paralisia. O fato é que Du Bois atentou para o fato que nenhuma criança negra era aceita nessa clínica. Mais uma vez com o motivo de mostrar que a integração não é viável.

No *post scriptum* de abril de 1934, é dedicado quase inteiramente ao tema da segregação. O autor inicia o *post scriptum* com um texto sobre a segregação no norte dos EUA. No início desse texto, o autor critica membros do conselho da NAACP no que diz respeito à segregação no Norte. Um deles é Walter White, presidente da NAACP, e afirma que a maior parte dos seus amigos são brancos, e que ele, por frequentar ambientes com pessoas brancas, naturalmente não experiencia a Linha de cor. Os outros dois membros que o autor critica é Kelly Miller e George Shuyler, conclamando esses dois para se posicionarem sobre a segregação no Norte. Eles acreditam, de acordo com o editor da *The Crisis*, que tem pouca ou nenhuma segregação no norte, com Du Bois afirmando que a diferença de segregação entre o Norte e o Sul é apenas uma questão de grau.

De acordo com Du Bois diz que quanto mais o negro sobe ou tenta subir, maior é o seu banimento pela cor. Continua dizendo que a segregação em 1934 era tão forte quanto em 1910, mas em 34 é mais predominante e insistente, propondo mais uma vez a pergunta de como agir em relação a ela. Para Du Bois os esforços da NAACP em relação a segregação tiveram como resultado quase nada.

O editor da *The Crisis* diz

We do not like to voice them [os fatos]. The theory is that by maintaining certain fictions of law and administration, by whistling and keeping our courage up, we can stand on a "principle" of no segregation and wait until public opinion meets our position. But can we do this? When we were living in times of prosperity; when we were making post-war incomes; when our labor was in demand, we could perhaps afford to wait. But today, faced by starvation and economic upheaval[...] [Nós não gostamos de expressá-los [os fatos]. A teoria é que, ao manter certas ficções de lei e administração, assobiando e mantendo nossa coragem, podemos permanecer em um "princípio" de não segregação e esperar até que a opinião pública atenda à nossa posição. Mas podemos fazer isso? Quando estávamos vivendo em tempos de prosperidade; quando estávamos gerando renda no pós-guerra; quando nosso

trabalho estava em demanda, talvez pudéssemos esperar. Mas hoje, diante da fome e da agitação econômica]<sup>52</sup> (Abril, 1934, 115)<sup>53</sup>

Nessa passagem podemos perceber que o autor acredita que as pessoas não falam dos fatos desagradáveis que acontecem, na esperança como ele mesmo diz que em algum momento a sociedade vai atentar para a posição das pessoas de cor. Mas o autor afirma que não há tempo para esperar que isso aconteça, devido à situação material dos negros. E mais uma vez, nos parágrafos seguintes do *post scriptum* de abril de 1934, Du Bois defende

The only thing that we not only can, but must do, is voluntarily and insistently to organize our economic and social power, no matter how much segregation it involves. Learn to associate with ourselves and to train ourselves for effective association. Organize our strength as consumers, learn to co-operate and use machines and power as producers, train ourselves in methods of democratic control within our own group. Run and support our own institutions [A única coisa que não apenas podemos, mas devemos fazer, é voluntariamente e insistentemente organizar nosso poder econômico e social, não importa quanta segregação ela envolva. Aprenda a associar-se a nós mesmos e a nos treinar para uma associação eficaz. Organizar nossa força como consumidores, aprender a cooperar e usar máquinas e poder como produtores, treinar-nos em métodos de controle democrático dentro de nosso próprio grupo. Dirigir e apoiar nossas próprias instituições]<sup>54</sup> (Abril, 1934, p.115)

Dessa maneira, a emancipação da população negra da branca só será possível em nível social e econômico, ou seja, com o fortalecimento de instituições sociais negras e o aumento do poder econômico, será possível dar poder necessário a população de cor. Em outras oportunidades, Du Bois falou da importância desses poderes, bem como de poder político. O fortalecimento da população negra como grupo, assim como o desenvolvimento dos indivíduos dentro do grupo, é tema recorrente nos escritos do autor.

Em outro trecho do *post scriptum*, Du Bois afirma que dentre as finalidades da segregação estão o isolamento do negro, para que ele fique falido espiritualmente, economicamente dependente e fisicamente degradado. Se o autor tem essa visão podemos interpretar que em seus escritos o seu conselho é exatamente combater esses objetivos da segregação que são impostos de maneira semiconsciente ou explícita. Dessa forma, não é exatamente um apoio à segregação

---

<sup>52</sup> Tradução minha

<sup>53</sup> Autoria do W. E. B. Du Bois, *Post script, The Crisis Magazine*.

<sup>54</sup> Tradução minha

que o autor afirma. Ele analisa de maneira que combatê-la é muito difícil, então uma forma de não deixar que os objetivos da mesma se efetivem é se organizar e fortalecer instituições próprias, assim como a igreja, escolas para que os indivíduos se desenvolvam espiritualmente, que trabalhem com sentido de crescimento em grupo. Pois dessa maneira, em grupo seriam mais fortes e menos isolados e combateriam o que está presente na segregação que é o preconceito racial. Tendo consciência de si em grupo, mas este sendo forte e independente, é possível que ocorra uma mudança na maneira como se constitui a dupla consciência já que a “parte negra”, separada da “parte americana”, possa evitar ou diminuir os efeitos da dupla consciência, desenvolvendo-se cada vez mais enquanto grupo.

No *post scriptum* de Maio de 1934, um dos temas que o Du Bois trata tem como título *The Board of Directors on Segregation*, e vem com a proposição que o autor apresentou ao conselho da NAACP, em que ele apoia a auto segregação, no sentido que já foi exposto aqui anteriormente, e amplia dizendo que a NAACP sempre apoiou instituições formadas unicamente pela população negra, como escolas, igrejas, entre outras. Contudo, a resposta do conselho foi contrária à opinião do autor. A resposta foi

Enforced segregation by its very existence carries with it the implication of a superior and inferior group and invariably results in the imposition of a lower status on the group deemed inferior. Thus both principle and practice necessitate unyielding opposition to any and every form of enforced segregation [A segregação forçada, por sua própria existência, carrega consigo a implicação de um grupo superior e inferior e invariavelmente resulta na imposição de um status inferior ao grupo considerado inferior. Assim, tanto o princípio quanto a prática exigem oposição inflexível a toda e qualquer forma de segregação forçada] (Maio, 1934, p.149)<sup>55</sup>

Essa resposta mostra a completa oposição de ideias entre a NAACP e o editor de sua revista. A NAACP é contra qualquer tipo de segregação pois implica, de acordo com a resposta, em uma invariável suposição de que um grupo é superior a outro, e de forma alguma deve ser encorajada. O editor da revista, como já foi dito anteriormente, analisa a segregação e tenta criar mecanismos para diminuir os efeitos negativos que a segregação compulsória exercida pelos brancos pode ocasionar.

---

<sup>55</sup> Autoria do W. E. B. Du Bois, *Post script, The Crisis Magazine*.

Em junho de 1934 foi o último *post scriptum* do editor da *The Crisis* depois de quase 25 anos, pois ele se desligou da revista começando no dia primeiro de julho. Em seu último *post scriptum*, W.E.B. Du Bois continuou abordando o tema da segregação, com as mesmas ideias. Contudo, o autor faz a seguinte afirmação

When I went to Atlanta University to teach in 1897, and to study the Negro problem, I said, confidently, that the basic problem in our racial ignorance and lack of culture. That once Negroes know, and whites know Negroes, then the problem is solved. This proposition is still true, but the solution is much further away than my youth dreamed. Negroes are still ignorant, but the disconcerting thing is that white people on the whole are just as much opposed to Negroes of education and culture, as to any other kind, and perhaps more so. [Quando fui para a Universidade de Atlanta para ensinar em 1897 e estudar o problema dos negros, disse, confiante, que o problema básico de nossa ignorância racial e falta de cultura. Que, uma vez que os negros saibam e os brancos conheçam os negros, o problema será resolvido. Essa proposição ainda é verdadeira, mas a solução está muito mais distante que minha juventude sonhou. Os negros ainda são ignorantes, mas o desconcertante é que os brancos em geral são tão opostos aos negros da educação e da cultura, quanto a qualquer outro tipo, e talvez até mais.] (Junho, 1934, p.182)<sup>56</sup>

Afirmações como essa justificam por exemplo a necessidade que o autor tem de uma classe dentro do grupo que os guie para o progresso, uma *intelligentsia*. As palavras do autor têm algumas inconsistências.

Du Bois prega a auto segregação para que o a população de cor se desenvolva enquanto grupo e como indivíduos dentro desse grupo, mas espera que eles entrem em contato com a civilização, de acordo com a citação acima. Dessa forma parece que o autor apoia a auto segregação para que seja um grupo bem-sucedido e dessa maneira finalmente receba o reconhecimento da população branca. Mas o curioso é que o grupo deve ser bem-sucedido dentro de padrões estabelecidos pelo grupo dominante, dentro do *status quo*. De forma alguma pretendo fazer uma discussão, que é comum nos dias atuais, sobre como que a população de cor deve se desenvolver dentro de padrões estabelecidos por ela mesma e se identifica esse padrões na história, na filosofia africana, entre outras. Mas o curioso é que Du Bois fala que o negro é ignorante e precisa conhecer cultura. Essa afirmação parece incoerente com o que o autor aborda em *The Soul of Black Folks*, pois nesta obra ele afirma que os pontos marcantes da cultura, como na música por exemplo, dos

---

<sup>56</sup> Autoria do W. E. B. Du Bois, *Post script, The Crisis Magazine*.

Estados Unidos foram contribuições dos povos indígenas e da população negra. Dessa maneira, não fica claro que cultura se está falando.

Se a população negra precisa evoluir enquanto grupo e conhecer cultura, por que não valorizar nesse processo as contribuições originalmente negras e que trouxeram uma contribuição positiva para a cultura nos Estados Unidos? O que é paradoxal é que, na medida em que ele afirma o quanto a cultura negra contribuiu para a americana, a população negra tem que assimilar valores estabelecidos pelo grupo dominante. O autor defende a utilização da auto segregação como mecanismo de independência e elevação da população de cor e dessa forma lidar com a sua dupla consciência. Dessa maneira, não se preocupa em participar efetivamente da comunidade branca. Mas, no sentido que coloca todos os seus esforços na elevação da comunidade negra, a situação continua a mesma pois os padrões para o seu sucesso são estabelecidos pelo grupo dominante. Por mais que se esquive, em um primeiro momento, da população americana. O que o autor procura é o seu reconhecimento, embora em vários dos seus *post scripta*, o autor nos faz crer em outro posicionamento.

Vale ressaltar ainda que apesar de em suas obras como *The Philadelphia Negro* e *The Souls of Black Folks*, o autor afirma que o branco é responsável em grande parte pela situação da comunidade negra. O negro não é um problema, ele tem um problema causado pelo grupo dominante. Mas quando o autor fala aos seus, coloca muito da responsabilidade de transformação de suas vidas nas mãos dos indivíduos. No mesmo momento que identifica uma estrutura muito mais forte que os indivíduos, deixa, em vários momentos, na responsabilidade unicamente desses de transformar suas vida.

No número da *The Crisis* de agosto de 1934, vem o anúncio de que o editor da revista pediu demissão e publicam sua carta de demissão. Em sua carta, Du Bois afirma que não sai da revista em virtude da oposição que esse tinha com relação a segregação. Ele afirma que a administração, que foi eficiente por quase um quarto de século, encontrava-se naquele momento sem agenda, sem mudança, sem organização efetiva. O autor diz que muitas de suas ideias, que em alguns momentos eram diferentes de como a associação encarava, eram encaradas como deslealdade. Vale ressaltar que, ao longo do ano de 1934, o autor, em praticamente todos os *post scripta*, fala da questão da segregação. Em maio é publicado o posicionamento da

associação na revista e no fim de junho ele se demite. Não necessariamente esse posicionamento foi o único motivo para a saída do editor, pois pelo acompanhamento das reuniões de conselho, a relação entre Du Bois e NAACP já estava desgastada, mas podemos concluir que essa divergência foi o estopim.

Du Bois se enquadrava no que Gramsci chama de intelectual tradicional. O editor da *The Crisis Magazine* utilizou todo o seu conhecimento em prol do avanço da comunidade negra o que também demonstra porque seu livro é considerado umas das obras compõe a sociologia pública. Através de seu conceito de dupla consciência, o autor analisa a sociedade, desenvolvendo mecanismos para a promoção das pessoas de cor. Fica claro que em vários de seus *post scripta* que o autor se posiciona, ao longo do ano de 1934 em oposição à NAACP, e critica em alguns momentos o fato da sua colaboração discordante ser vista como traição.

Nos *post scripta* de Du Bois, podemos ver como seus escritos acadêmicos aparecem nos seus posicionamentos políticos como a constituição dos mais talentosos do grupo para que ele liderem os demais, ou como a dupla consciência afeta a formação da subjetividade da população negra e assim tem uma maneira, um agir político para resolver a situação. O autor coloca toda a sua expertise a serviço da promoção da comunidade negra em concordância com as suas ideias.

W. E. B. Du Bois deu muitas contribuições, mas também tem seus paradoxos e incongruências em sua narrativa como foi falado anteriormente. Na medida que utiliza sua narrativa política para de uma certa maneira resolver a questão da divisão do self em duas partes, se contradiz no que diz respeito à cultura negra e à cultura geral, como já foi dito antes. De todo modo, é um autor com produção muito rica que ajuda na compreensão da sociedade até hoje.

## Considerações Finais

Du Bois é um autor muito pouco lido no Brasil. Os conceitos que o autor desenvolveu em *As Almas do Povo Negro* não são pouco conhecidos aqui. Seria de grande importância estudar esse autor tão importante e que dedicou boa parte de sua obra para analisar as relações raciais. Em um país que a maioria da população é não branca, seria importante estudar mais esse autor. Seus conceitos de dupla consciência, véu e linha de cor, propõem uma discussão importante sobre a subjetividade da população de cor.

Não há dúvidas que ele tem seus paradoxos e tem mudanças de postura ao longo de sua trajetória, muito disso devido a sua longevidade. No início de sua carreira era alinhado aos liberais do Norte dos EUA e quando foi para Ghana se filiou ao partido comunista, embora essa aproximação tenha começado antes. Com sua produção longa e prolífica, podemos perceber alguns desses traços e suas mudanças de posicionamento ao longo dos anos.

Sua rivalidade com Booker T. Washinton e Marcus Garvey também se altera, principalmente com o primeiro citado. O autor, que critica Booker T. Washington por querer treinar a população negra sem levar em consideração a elevação espiritual, que seria o ensino superior. Du Bois com o passar dos anos compreende a importância que Washington teve e elogia seus esforços no Instituto Tuskegee para capacitar a comunidade negra.

Em um primeiro momento, a crítica de Du Bois a uma educação técnica, em vez de ensino superior, vinha da necessidade que o autor dizia que a comunidade negra precisaria das pessoas mais talentosas do grupo para levar os demais ao sucesso, *Talented Tenth*. Du Bois acreditava que através do ensino superior, com membros talentosos dentro da comunidade negra, esta teria sucesso e progresso.

Quando analisamos o autor sob a luz de seu próprio conceito, dupla consciência, alguns desses paradoxos e incongruências ficam mais evidentes, principalmente no que diz respeito à valorização da cultura negra, ao mesmo tempo que tenta inserir a comunidade de cor dentro de padrões estabelecidos por grupos dominante. Já que a alma é dividida e não conseguem conviver, Du Bois acredita

que evoluir a parte negra, pode fazer com que se muda a visão que se tem das pessoas de cor, sendo elas talentosas, bem sucedidas. As qualidades superaria os preconceitos.

A questão desse posicionamento é que coloca nos ombros da população de cor a responsabilidade de serem aceitos. Isso vai de encontro ao que o autor diz que os problemas relacionados a preconceito e desigualdades não era de responsabilidade das pessoas negras. Dessa forma, sua estratégia, embora lógica, tem problemas.

Du Bois toma uma posição a favor da auto segregação e vai contra a NAACP, que era contra qualquer tipo de segregação. A instituição acreditava que qualquer tipo de segregação era ruim por implicar que um grupo seria superior ao outro, dessa maneira não a encorajavam de forma alguma. Du Bois, por outro lado, acredita que a auto segregação seria uma solução para criar uma rede de contatos e de solidariedade entre os negros que, com empenho, faria o grupo ser um sucesso e dessa forma, possivelmente, a população branca iria querer se associar aos negros.

O fato de Du Bois, em sua época, ter ideias que problematizavam o colonialismo e o darwinismo social o deixavam em uma situação delicada pois estava indo contra o status quo. Ele sendo negro vivendo em um país segregado é compreensível que naquele momento os grupos alinhados com o status quo tivessem mais poder do que o autor e sua obra não foi tida como principal. O motivo de hoje Du Bois ainda ser pouco lido traz muitas questões sobre as continuidades desse processo. Dessa maneira, esse trabalho se propôs a contribuir com uma pequena parcela para a discursão sobre esse autor no Brasil.

## Referências Bibliográficas

ALBERTO, Paulina L. **Terms of inclusion: black intellectuals in twentieth-century Brazil**. UNC Press Books, 2011.

APTHEKER, Herbert (Ed.). **The Correspondence of WEB Du Bois**. University of Massachusetts Press, 1973.

ASHTON, Susanna. Du Bois's "Horizon": Documenting movements of the color line. **MELUS**, v. 26, n. 4, p. 3-23, 2001.

BARBOSA, M. Pan-africanismo e teoria social: uma herança crítica. **África**, n. 31-32, p. 135-155, 20 dez. 2012

Bobo, Lawrence D. Introduction. In Henry Louis Gates, Jr. (Ed.) **The Oxford W. E. B. Du Bois. The Philadelphia Negro: A Social Study by W. E. B. Du Bois**, pp. xxv-xxx. New York: Oxford University Press, 2007.

BOBO, Lawrence D. Bringing Du Bois Back In: American Sociology and the Morris Enunciation. **Du Bois Review: Social Science Research on Race**, v. 12, n. 2, p. 461-467, 2015.

BURAWOY, Michael. Por uma sociologia pública. **Revista de Ciências Sociais**, v. 25, p. 9-50, 2006.

DOMINGUES, Petrônio. COMO SE FOSSE BUMERANGUE. Frente Negra Brasileira no circuito transatlântico. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, n. 81, p. 155-170, 2013.

Du Bois, W. E. B. (1990) "My Evolving Program for Negro Freedom," **Clinical Sociology Review**: Vol. 8: Iss. 1, Article 5. Disponível em: <http://digitalcommons.wayne.edu/csr/vol8/iss1/5>

\_\_\_\_\_. As almas do povo negro [online] Disponível na internet em: <https://afrocentricidade.files.wordpress.com/2016/04/as-almas-do-povo-negro-w-e-b-du-bois.pdf>

\_\_\_\_\_. **Black Reconstruction in America, 1860-1880**. 1935. New York: Free, 1998.

DU BOIS, W. E. B.; MAMDANI, Mahmood. “*Cronology*”. **The World and Africa: An Inquiry Into the Part Which Africa Has Played in World History and Color and De: The Oxford WEB Du Bois**. Oxford University Press on Demand, 2007.

DU BOIS, W. E. B.; GATES JR, H. L. **The Souls of Black Folks**. Oxford University Press on Demand, 2007.

DU BOIS, W. E. B.; EATON, I. **The Philadelphia negro: A social study**. Filadélfia: University of Pennsylvania press, 1996.

FERRARA, Miriam Nicolau. **A imprensa negra paulista (1915-1963)**, São Paulo, FFLCH/USP, 1986.

GO, J. The case for scholarly reparations. **Berkeley Journal of Sociology**, 2016.

HASENBALG, C. A.; DO VALLE SILVA, N. **Estrutura social, mobilidade e raça**. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1988.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito**. Petrópolis: Vozes, 1992.

HINDS, Donald. “The West Indian Gazette: Claudia Jones and the black press in Britain”. **Race & Class**, v. 50, n. 1, p. 88-97, 2008.

JONES, Angela. **African American civil rights: Early activism and the Niagara Movement**. ABC-CLIO, 2011.

MORRIS, Aldon. **The scholar denied: WEB Du Bois and the birth of modern sociology**. University of California Press, 2017.

NASCIMENTO, Carlos Alexandre da Silva. **Representado o 'novo' negro norte-americano: WEB Du Bois e a revista The Crisis, 1910-1920**. 2015. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.

NOGUEIRA, O. **Preconceito de marca. As relações raciais em Itapetininga**. Apresentação e edição de Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti. São Paulo, Edusp, 1998. 248 páginas.

PAIM, M. Pan-africanismo: tendências políticas, Nkrumah e a crítica do livro Na Casa De Meu Pai. **Sankofa (São Paulo)**, v. 7, n. 13, p. 88-112, 6 jul. 2014.

PARTINGTON, Paul G. The Moon Illustrated Weekly—The Precursor of the Crisis. **The Journal of Negro History**, v. 48, n. 3, p. 206-216, 1963.

POINDEXTER, Paula M.; STROMAN, Carolyn A. “The Black press and the Bakke case”. **Journalism Quarterly**, v. 57, n. 2, p. 262-268, 1980.

STEVENS, Summer E.; JOHNSON, Owen V. “From Black Politics to Black Community: Harry C. Smith and the Cleveland Gazette”. **Journalism Quarterly**, v. 67, n. 4, p. 1090-1102, 1990.

TISCHAUSER, Leslie Vincent. **Jim crow laws**. ABC-CLIO, 2012.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América: sentimentos e opiniões**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

WIGGAN, Greg. Afrocentricity and the black intellectual tradition and education: Carter G. Woodson, WEB Du Bois, and E. Franklin Frazier. **The Journal of Pan African Studies**, v. 3, n. 9, p. 128-149, 2010.

## Revistas

DU BOIS, W. E. B. Post scriptum. **The Crisis Magazine**, Nova York, v.41, n.1, p.20-21, 1934.

DU BOIS, W. E. B. Post scriptum. **The Crisis Magazine**, Nova York, v.41, n.2, p.52-53, 1934.

DU BOIS, W. E. B. Post scriptum. **The Crisis Magazine**, Nova York, v.41, n.3, p.85-86, 1934.

DU BOIS, W. E. B. Post scriptum. **The Crisis Magazine**, Nova York, v.41, n.4, p.115-117, 1934.

DU BOIS, W. E. B. Post scriptum. **The Crisis Magazine**, Nova York, v.41, n.5, p.147-149, 1934.

DU BOIS, W. E. B. Post scriptum. **The Crisis Magazine**, Nova York, v.41, n.6, p.182-184, 1934.

DU BOIS, W. E. B. Post scriptum. **The Crisis Magazine**, Nova York, v.6, n.8, p.245-246.

### Reunião de conselho

Boarding Meeting NAACP, 1934

### Fotos

(1923), "Membros do III Congresso Pan-Africano, em Lisboa, Maio de 1923", CasaComum.org, Disponível HTTP: <http://www.casacomum.org/cc/visualizador?pasta=08030.001.015> (2019-9-6)

Johnston, F. B., photographer. (ca. 1895) *Booker T. Washington, half-length portrait, seated.* , ca. 1895. [Photograph] Retrieved from the Library of Congress, <https://www.loc.gov/item/2010645746/>

*W.E.B. Du Bois, half-length portrait, facing left.* , None. [Between 1920 and 1930] [Photograph] Retrieved from the Library of Congress, <https://www.loc.gov/item/95517789/>.

(1924) *Marcus Garvey, -1940.* , 1924. Aug. 5. [Photograph] Retrieved from the Library of Congress, <https://www.loc.gov/item/2003653533/>

### Documentários

The Black Press: soldier without swords. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vb5UMezZvKk>

## Anexo

### Carta de Weber a Du Bois

**Fonte:** APTHEKER, Herbert (Ed.). **The Correspondence of WEB Du Bois.**

University of Massachusetts Press, 1973

Dear Sir,

I was glad to receive your kind letter. When, at the 15th, your article was not yet at hand, I supposed you might perhaps be prevented of writing the same now, and so we had to dispose about the space of the next number of the "Archiv." So, your article will be published at the head of the number to be edited November 1st of this year it would be hardly possible at any earlier time.

Your splendid work: "The Souls of Black Folk" ought to be translated in German. I do not know whether anybody has already undertaken to make a translation. If not I am authorized to beg you for your authorization to Mrs. Elizabeth Jaffé-von Richthofen here, a scholar and friend of mine, late factory inspector of Karlsruhe, now wife of my fellow-teacher and fellow-editor, Dr. [Albert] Jaffé. I should like to write a short introduction about Negro question and literature and should be much obliged to you for some information about your life, viz: age, birthplace, descent, positions held by you of course only if you give your authorization.

I think Mrs. Jaffé would be very able translator, which will be of some importance, your vocabulary and style being very peculiar: it reminds me sometimes of Gladstone's idioms although the spirit is a different one.

I should like to give in one of the next numbers of the "Archiv" a short review of the recent publications about the race problem in America. Beside your own work and the "Character-building" of Mr. Booker Washington, I got only the book of Mr. Page ("The Negro, the Southerners Problem" very superficial me thinks) the Occasional Papers of your academy and the article of Mr. Willcox in the Yale Review. If there is anything else to be reviewed, I should be much obliged to you

for any information (of course I saw the article of Viereck in the official publication).

Please excuse my bad English seldom here had the opportunity to speak it, and realize a language in speaking and writing it is very different.

Yours very respectfully,

Professor Max Weber